

nicoplau

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ



Handwritten signature

ANO I - Nº 7

JAMIL SNEGE DOMINGOS PELLEGRINI ALECIR DE ANTONINA RAUL CRUZ
GUILHERME ZAMONER NELSON CAPUCHO ALBERTO PUPPI CLÁUDIO CAMBÉ
DAVID WM FOSTER SYLVIO BACK FRANCISCO DE ALENCAR ALMIR FEIJÓ
BRITO DE LACERDA ELZA OLIVEIRA CRISPIM DA AROEIRA ALICE RUIZ
IVAN BUENO RUI MARCELO SUTIL DÉBORA DIAS JOSÉ CARLOS CAPINAN
REINOLDO ATEM PINGUELLI ROSA MARISA DIAS COSTA HELENA KOLODY
PAULO LEMINSKI DENISE BANDEIRA WILSON BUENO DENISE GUIMARÃES
FOCA ZÍOLE ZANOTTO MALHADAS LUIS DOLHNIKOFF FERNANDO TUPAN
HÉLIO PUGLIELLI ÁLVARO BORGES JR ELIANE PROLIK LAURA MIRANDA
HENRIQUE DE ARAGÃO JOÃO LUIZ GOEBEL ALBERTO VIANNA BOGUSZEWSKI
EDUARDO RIBEIRO RODRIGO G LOPES JOEL SAMWAYS ADEMIR ASSUNÇÃO
GERALDO LEÃO ALBERTO CARDOSO CARLOS ARRUDA JAQUES MARIO BRAND

EDITORIAL

Chegou o verão dos infinitos paralelos do ano da graça de 88. Procuramos ajustar a pauta deste número à imperativa leveza da estação. A poesia nela teve um lugar privilegiado: vamos da lira de Sylvio Back aos poetas amorosos reunidos em uma plúria Erótica, deles à toada com sabor de terra de Domingos Pellegrini, à criação que Jaques Brand ousou de um epigrama do mago Donne, à reverberação dos despropósitos nucleares sucedidos em Goiânia nas linhas de José Carlos Capinan. O *scholar* Foster procura os limites do mito de França no livro — fundamental — de Roa sobre El Supremo, Chico Alencar capta na perspectiva do seu vértice de fronteiras um vislumbre edênico do que a vida pode ser... Vamos verão adentro, com nossos demais convidados, em boa companhia.

Apenas à guisa de ordem-do-dia: para fazer o Brasil que sonhamos, estamos e estaremos em nossos postos de trabalho. Insuscetíveis às turbações, imunes às crises de rumo, às perplexidades da alta política, às contingências dos verões dormientes, essa é uma tarefa de sempre, que merece a inteira medida de nossa dedicação.

Em tempo: a equipe do *Nicolau* e este editor agradecem o reconhecimento como o melhor veículo cultural brasileiro em 87, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Uma honra que repartimos com o povo e o governo do Paraná.

WILSON BUENO

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

Governador
ALVARO DIAS

Secretário de Estado da Cultura
RENÉ ARIEL DOTTI

Diretora da Imprensa Oficial do Estado
GILDA POLI

Publicação mensal
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

nicolau



CAPA: desenho
de RAUL CRUZ

Tiragem: 162.500 exemplares
Distribuição gratuita

Curitiba, janeiro de 1988
Ano I — Nº 7

Editor
WILSON BUENO

Editor-assistente
JOSELY VIANNA BAPTISTA

Revisão
ZELIA SERENO

Programação Visual
LUIZ ANTONIO GUINSKI
RITA DE CÁSSIA SOLIERI BRANDT

Redação: Rua Ebanho Pereira, 240
Curitiba — Paraná — CEP 80410
Tel.: (041) 225-7117
Telex: 416245

Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

A editoria de *Nicolau* se reserva o direito de publicar ou não matérias não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

PAINEL



UM COLÍRIO PARA OS OLHOS

Nicolau é um projeto cultural que deu certo. Para nós da Imprensa Oficial, *Nicolau* é um colírio para os olhos. Correndo com orçamentos o dia inteiro, diários oficiais e que tais, nos faltava esta *anima* de um compromisso mensal com a cultura. É prazeroso, agradável, estimulante co-participar de um projeto paranista. *Nicolau* representa a origem do Paraná, no nome, e tem raízes paranistas, no conteúdo. Merecemos ter nossos nomes em sua divulgação: os poetas, os pesquisadores, os cronistas, seus desbravadores. Além de abrir espaços por este Brasil afora. É para todos aqueles que mexem com a emoção e com a alma. Afinal, nem só de pão vive o homem.

O prazer é grande, principalmente pelo resultado concreto. Sua tiragem de 162.500 exemplares pode ser considerada, em termos de jornal, assombrosa. E traz boas recordações da imprensa nanica dos anos 70. *Nicolau* é estimulante!

João Luiz Goebel —
diretor adjunto da Imprensa Oficial

LÍNGUA E CULTURA

Propiciar ao jovem uma 'iniciação' em língua estrangeira já no 1º grau é importante? Sim, pois esta é, para a maioria das crianças, a única oportunidade de saber que existem outras línguas e outras culturas, como comprovam as estatísticas sobre a evasão escolar. Longe vai o tempo em que o ensino de línguas era confundido com transmissão de ideologia: língua é cultura — língua é meio de comunicação.

Mesmo que as condições de vida adversas não permitam ao jovem desenvolver logo os conhecimentos ini-

ciais que a escola lhe proporcionou, o fato de saber que existem as línguas estrangeiras como instrumentos de comunicação poderá, mais tarde, motivá-lo a se dedicar ao seu estudo. Um bom exemplo é a língua inglesa, que funciona atualmente como língua internacional ou 'língua franca', abrindo novas perspectivas de trabalho, estudo e pesquisas mais avançadas àqueles que sabem utilizá-la.

Ziôle Zanotto Malhadas —
professora

REGIÃO DA UBÁ

Chico Folião é homem simples, caboclo pescador, um caçara, sim senhor! Um entre muitos os que habitam a região da ubá.

De manhãzinha, quando o sol está começando a despertar lá vai ele, pegar bom peixe na curva do rio, ou logo mais adiante na desembocadura com o mar, no fundo do pesqueiro, onde "atira" com a maestria que só a experiência ensina, a tarrafa que para um observador mais atento chega a lembrar um vau de noiva. E assim, como os seus antepassados, o "vêio Chico" mantém a aliança com o mar. E lá vem um robalo! Um calafate? Talvez um guari! Mas o que dá mesmo é o bagrinho. Bagrinho defumado é uma gostosura com banana-da-terra assada em fogão a lenha, e dá também um caldo bom pro pirão de peixe feito com farinha de mandioca. O roçado também é cultivado pelos caçaras. E era nesses roçados, muitas vezes um pixirão (o mesmo que mutirão) que acontecia o fandango. O dono do sítio, para agradecer os seus parceiros e camaradas pela ajuda no roçado, presenteava-os com os comes e bebes e naturalmente, o fandango. E os folgadeiros e folgadeiras (em Cananéia folgazão e folgazã) caíam noite adentro no rufado do adufe (espécie de pandeiro) pisando nas cordas da viola acompanhada de perto pela rabeça que é irmã gêmea da viola pra função. E os violeiros logo faziam a "chamarrita-de-louvação" agradecendo o dono da casa pela festa. Em seguida vinha: "anu", "marinheiro", "cana-verde", "recortado", "querumana", "sinsará", "vilão-de-lenço", "dandão". Eram tantas marcas de fandango que o Chico, feliz, tamanqueava o chão até o sol raiar. Pois na região da ubá um bom fandango tem que ser tamanqueado. E pra quem se aventurou pelo canal do Varadouro que liga Cananéia com Guaraqueçaba, desembocando na baía de Paranaguá, sabe que o fandango é melhor ainda quando acompanhado da boa pinga e o saboroso barreado.

Aleir de Antonina — compositor



EM RITMO DE MUDANÇAS

Uma nova fórmula e uma nova linha de ação para a assistência social foi a nossa proposta e é o que estamos implantando desde que assumimos o Programa do Voluntariado Paranaense.

Queremos e estamos conseguindo uma transformação no modo de ser e de pensar sobre o que é assistência social. Essa nova dinâmica colocada imediatamente em prática em todo o Estado, conseguiu acabar com o assistencialismo, largamente utilizado no passado.

A população carente começa, finalmente, a ser assistida de forma a recuperar rapidamente os seus direitos de cidadania.

Na verdade, o Provopar acompanha as mudanças que o governo realiza no Paraná, em todos os setores. Assim, também luta por uma qualidade de vida mais justa e socialmente mais digna.

Débora Dias — coordenadora do Provopar



O REI DAS SELVAS

Deus criou os homens assim como Tarzan foi criado pelos macacos. Mas e daí? Isso diz alguma coisa? Pode ser que sim. Também pode ser que não. Pele macia vale mais que muitas mensa-

gens impressas em *out-doors* ou em folhas de calendários. Três ave-marias resolveriam todos os problemas da humanidade? Minha lógica diz que ... Por que você não volta para sua garrafa — vivem repetindo meus maiores inimigos. A solução poderia ser essa se conseguisse resgatar os grandes artistas. Tanto papo-furado só para dizer que está na hora do cuco aparecer doze vezes. A exatidão provaria que a razão é só uma palavra que ainda é mal compreendida. Me perguntam por que esses cabelos compridos, esses olhos tristes. Gostaria muito de responder a todos os inválidos que me sorriem com essas interrogações. A fuga de nada representa nas horas-mortes. Uma propulsão atômica tenta me levar para algum planeta ainda não descoberto. Grito socorro. O muro é muito alto e a minha chance de contar uma parábola terminou. Na última linha me entrego.

Fernando Tupan — músico



LONDRIX

— Outro dia vi o Mário Bortoloto, genial autor de textos do grupo "Chiclete com Banana", sentado com dois amigos na escada em frente ao Teatro Zaqueu de Melo. Acho que estavam olhando um certo vazio que existe no Bosque — do outro lado do Rio de Janeiro — onde morreu uma respeitável figueira branca. Naquele exato instante, a alguns metros da escada, os namorados. Rostinhos risonhos, roupas coloridas, sorvetinho, essas coisas de primavera-verão. Dois velhotes disputavam animada partida de dama. E animada aqui não é força de expressão. Em Londrina tem torcida para a coisa! Motoristas esquentados brigam por uma vaga, logo aparece alguém para tomar partido. Tem gente que aposta: "The Killers" ou "Garotos Podres", quem vai pichar primeiro a parede do Correio que ganhou pintura nova? Agricultores rezam para chover, gatinhas torcem para fazer um sol de estalar mamona.

Além disso, esta é uma cidade que mistura zen com pizza.

Em que lugar do mundo poderia morar um japonês conhecido por "Baiano", que torce pelo Corinthians e é especialista em batidinha? E o que me dizem de um restaurante chamado San Remo (mamma mia!), que prepara um *sukiaki* finíssimo e de vez em quando o pessoal da música ao vivo ataca com um samba maneiro?

Cidade louca. Louquinha.

Nelson Capucho — jornalista

E O DOIDO ERA O CRIOULO ...

Nada contra a família imperial, pessoalmente. Gente finíssima. O velho, Pedro II, deixou falar a Casa Mauá, dinâmica malha de negócios industriais e mercantis que poderia ter arrancado ao berço esplêndido o gigante adormecido, em tempo de emparelhar com os capitalistas vibrantes do Norte. E levou o duelo pessoal com Solano ao extermínio de quase um povo inteiro. O genro, o Conde D'Eu, que o delicado Taunay, até no meio do mato, insistia em chamar de Alteza, ficará para sempre nos anais como o mandante da matança de Acosta Nú, quando crianças foram devastadas por uma chuva de sabres. A doce princesa, então, gentilíssima, será para sempre merecedora da lacrimogênea gratidão dos pósteros. Foi ela quem assinou a demissão em massa dos trabalhadores negros do Brasil, botando-os no olho da rua depois de trezentos anos de bons serviços prestados a Portugal, meu avozinho, e ao latifúndio brasileiro, em vez de partir logo para uma, boa reforma agrária. Gente finíssima, que o marechal Deodoro da Fonseca entendeu, num repente de mau gosto, de mandar passear na Europa, com direito, porém, a fundo de garantia.

Crispim da Aroeira — jornalista

O LOBO DO HOMEM

Foi a Mônica, da EBN, quem contou a cena: dia destes, num supermercado, uma velhinha escolhia com cuidado duas laranjas e duas batatas na banca de verduras; depois, pedia 30 cruzados de carne moída no aquecador.

Em Nova Cantu a polícia tentou despejar os sem-terra que invadiram uma área improdutiva, ferindo um trabalhador. Completamente enrugada para seus 30 anos, a mulher de Francisco Cavalheiro falava da agressão ao marido puxando uma criança pela mão, carregando outra no colo e com uma terceira na barriga: condenadas a viver nas improvisadas barracas de plástico preto, embaixo do sol causticante.

Em Curitiba é só olhar para o lado que a miséria está presente, até

mesmo no sorriso momentaneamente feliz das crianças que se banham nos repuxos das praças.

Será que alguém aí ainda se contamina pelo espírito do que enche os comerciais? A única tábua de salvação (mas como às vezes parece frágil!) é não perder a perspectiva histórica e confiar, como diz o Milton, que o homem um dia não será mais lobo do homem.

Elza Oliveira — jornalista



IBIPORÁ: TERRA BONITA

Em tupiniquim ela é terra bonita. De fato, para quem chega, vindo de São Paulo, ao atravessar o Tibagi, em cujas margens foram encontradas urnas dos nossos ancestrais, índios, a visão é de beleza, pois a primeira subida que culmina com os quase mil metros de Apuca, colinas e vales de terra roxa, são cobertos de plantação e árvores de um sem número de verdes que encantam. E se tiver bom ouvido, e sensibilidade, sem dúvida ouvirá a rá que Arrigo Barnabé faz rir em sua canção. No fim da subida, no coração da cidade, descanse sob as sombras das sete-copas da pracinha e entre para cumprimentar a Senhora da Paz em sua casa neo-românica — talvez a única em estilo nesse norte pródigo. Com vocação para a beleza e a paz, Ibiaporá tem gente pacata que produz tijolo e vaso de barro bom. Tem água gostosa que se diz que quem bebe volta e eu nunca deixei de voltar das minhas andanças ... Se gostar de arte, dê uma passadinha na galeria permanente que é a 1ª do interior desde 20 anos atrás e entenderá porque Ibiaporá tem vocação para a beleza. Já começam a surgir os primeiros prédios altos e dá pena, com tanta colina linda para se espalhar sem perder o encanto. Mas, quem resiste aos falsos encantos do progresso? Desse homem que ainda não aprendeu a construir sem enterrar um pouco da sua vida?

Henrique de Aragão — artista plástico

NÓS DA TRÍPLICE FRONTEIRA

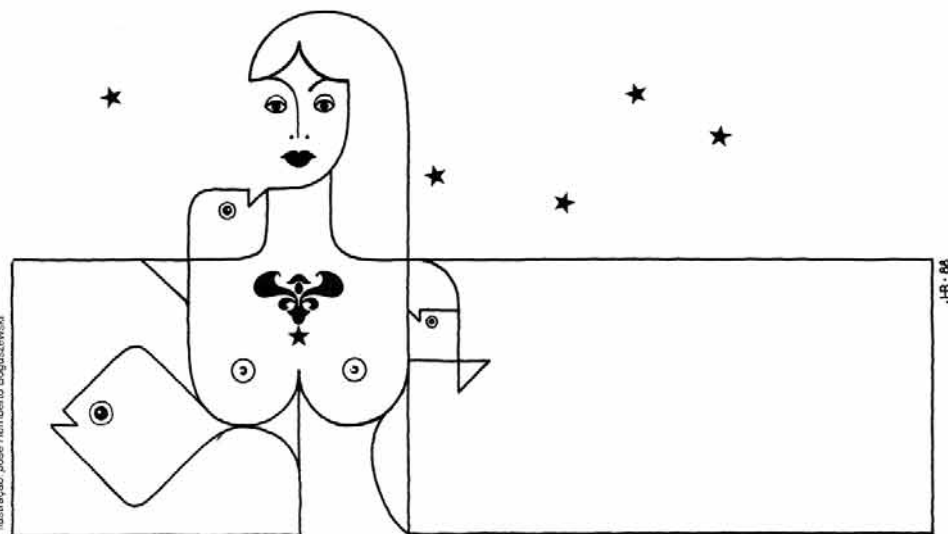
Francisco de Alencar

Foi meio sem querer e já era o tempo do ginásio. A vida, então, era um só tirar notas, um mergulho constante nos encantos e segredos do corpo das colegas e o sonhar com um futuro mágico. Havia também, nos recreios, muitas respostas e verdades prontas, que cansavam rápidas como a velocidade da bicicleta aposentada. Exatamente aí, surgiu Lavoisier, herói quase anônimo que, entre outros gênios da escola, como Pedro Cabral, Cristóvão Colombo, Newton, Thomas Edson e Santos Dumont, perdeu-se logo numa tarefa qualquer.

As perguntas, essas sim, mal cabendo na mente em busca da forma impressa, quando surgiu o primeiro e acanhado texto, no mais lindo "jornaleco" — o *Piquiriva* de Campo Mourão, parto hermafrodita do advogado paraibano José Dutra de Almeida Lira. Alguns espaços e livros depois, já em Bauru, Lavoisier "ressuscitaria" como uma massa vulcânica, larvando em mim a mais fantástica e definitiva verdade existencial: por mais que me transformasse, jamais teria princípio ou fim. Agora era tempo de vestibular, em busca do diploma de Direito, onde jamais cheguei.

Para um presunçoso terráqueo que se julgasse *imortal* ou *eterno*, poucas emoções restariam, num mundo enjoativamente convencional, cheio de absolutismos herdados e gratificações determinadas coletivamente em dissídios. Era preciso sobreviver, no entanto, e arancar das palavras e de sua forma impressa um pouco de razão social. Das emoções capazes de balançar meu íntimo, em primeiro estava a busca da mulher inteira — e surgiu Clarice e nós três filhotes. Eu precisava ainda aprender a amar o próximo como os amava e para isso eu precisava conhecer o mal e saber perdô-lo.

Poeta de si mesmo, frustrado, as letras tímidas pouco renderam, sempre. A crônica superficial e mundana garantia o emprego, mas nunca a satisfação mais íntima. A irreverência, o humor às vezes grosseiro, a rebeldia, o desencanto e a falta de cultura nunca foram bem remunerados. Faltava clima. Do Rio para baixo, nas várias cidades e em qualquer janeiro, sempre faltava calor.



Aí surgiu Foz do Iguaçu, há dezessete anos, quase dezoito. Calor aqui havia bastante — 40 graus, 50... Maldade, crimes, nem se fala. Aqui jamais faltariam bandidos para perdoar. Bem, com a mulher amada pelo braço e os filhotes a tiracolo, faltaria apenas o cenário mágico dos meus primeiros sonhos e ele estava aqui também, exuberante e único: a Terra das Cataratas. A máquina de escrever não seria problema.

Seria aqui também o lugar onde eu haveria de curtir minhas outras três grandes emoções, ou não as viveria em lugar nenhum: galopar um cavalo alado, entrevistar um extra-terrestre e bolinar uma sereia. Como em tudo o que faz, o governo federal olha Foz do Iguaçu com os limites de sua própria burrice. Erra, porque incapaz de perceber este paraíso com os olhos da alma, dimensioná-lo numa macrovisão, mais sensível, ou "olhá-lo de cima".

A Terra das Cataratas, geograficamente situada na tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, é o Eden preservado do planeta. A natureza manifesta-se pródiga e bela como em lugar nenhum, fazendo rolar majestosos os rios Iguaçu e Paraná, em meio ao gigantesco Parque Nacional do Iguaçu, com seus 185 mil hectares

de mata virgem (ou quase virgem), moldura nobre das extasiadas Cataratas. Estas belezas, muito mais que as compras nos países vizinhos, ou as roletas de seus cassinos e as turbinas de Itaipu, devem ser a "mercadoria" a ser vendida com a nobreza a que faz jus.

Promover encontros sobre a arte, a cultura, a ecologia e a preservação da natureza, sobre o desenvolvimento e a paz, patrocinar eventos musicais e de dança. Transformar este santuário e palco num inflamado pólo irradiador da compreensão mundial. Estimular os jovens aos encantos do espírito, desarmá-los da ânsia louca e tola pelo poder e os bens materiais. As Cataratas do Iguaçu contempladas à noite levam ao êxtase, devolvem o deslumbramento e o elo perdido com o limiar do conhecimento humano, hoje tão distanciado de seus valores mais simples e puros.

Pois bem: eu tinha a mulher amada e os filhotes, tinha bandidos a mancheias para perdoar, a mais fervilhante sociologia que a tríplice fronteira proporciona, fermentado por milhões de turistas de todas as partes do mundo a despejar anualmente seus costumes, culturas e crenças, neste excitante cadinho humano. Tinha até o cenário perfeito para encontrar o meu cavalo alado,

o meu E.T. e a minha sereia. E eu fui ficando, ficando... Cá pra nós, e raramente confesso, já estive bem perto dos três. Gnomos, fadas e outros entes celestiais, esvoaçantes e fugidios, esses eu já encontrei aos montes.

Acontece na primavera, e nas cataratas, mesmo à noite, é sempre primavera. Enquanto o arco-íris descansa de sua vigília eterna, Naipi e Tarobá vagueiam apaixonados pelas ondas do Iguaçu entre anjos e criaturas saídas do sonho e da magia. Nem é preciso muita imaginação e fantasia, basta um banho de água fresca para limpar do corpo a droga do cheiro do homem e soltar a mente do corpo limpo. O barulho dos bichos correndo na mata que nunca conheceu o machado, o som das águas caindo da rocha que nunca ouviu a dinamite, transportam a gente para o começo da vida neste planeta.

É uma viagem ao tempo em que o homem era *sapiens*, ao tempo em que o amor era menos complicado e comum e nem era preciso saber perdoar, porque não havia o mal e nem os criminosos. Um tempo pouco distante, mas que a fantasia esqueceu. Um tempo possível de se reviver em Foz do Iguaçu, a Terra das Cataratas.

Francisco de Alencar é jornalista



Ademir Assunção

ROTEIROS ROTEIROS ROTEIROS

☆ Algumas coisas me assustam: latido de cachorro, principalmente à noite. A caretece dos anos 80. Quando sinto a barra pesando, meu pé direito dispara feito um sismógrafo pressentindo — quem sabe — um terremoto. Nesses casos ouço os mugidos de Rimbaud, lançados no Brasil em compact disk M para Matar. Mas se estou enfreado, revido. Penso cá com meus botões tão Waits: “É, quando você é jovem, você não tem nada, mas tem tempo”.

☆ Quando fumo, entendo melhor a gaze tribal do rock.

☆ Quando atravesso demais o compasso, escuto Caetano. Araçá Azul fica sendo o beijo mais belo do medo. Fica sendo segredo. Fica sendo brinquedo.

☆ Quando me alegro em excesso, me alegro mais ainda. Rio à toa. Mas prefiro os oceanos. O infinito é que interessa.

☆ Quando sinto uma nuvem radioativa de tristeza se aproximando, levo um lero com Humpty Dumpty, o homem-ovo, meu fiel amigo. Juntos-montados na ave Felfel, saímos à caça do Jaguadarte.

☆ Quando emburro, despacho logo, acuso em meu radar seu sorriso lindo como um holograma do Moisés Baunstein, meu

amor, minha estrela de Floripa, minha antena parabólica. Falando sério: io love você. Falando sério: me perco em suas curvas de Dia Dorim Noite Neon.

☆ I'm sorry galera, mas diante da cabeça prateada de um John Cage, por exemplo, não posso chamar de artista qualquer ego inflado que faça aquilo que o mercado bem pensante e lucrativo julga ser arte. Quer dizer, poder posso. Mas que importância teria isso?

☆ Não sei se sonhei. Não sei se sempre sonho. Mas uma cena anda ondulando na cuca. Quase como cena de cinema, como um parangolé do hélio, como hey joe do hendrix. Que significado tem não sei: é assim: uma garota punk esverdeada pergunta a uma sereia: ei, como fazer pra se bem viver? O elfo, encantado, responde: sei não. A sereia sorri. A sereia é Daril Hannah. O elfo toca flauta. A garota punk dança. A vida passa como um karmaval.

☆ Oswald de Andrade, o doutor canibal, disse certa vez: o homem vive entre dois brinquedos: o amor onde ganha, a morte onde perde. Não sei se quando disse homem ele estava se referindo também às mulheres. Mas adoro colecionar frases, assim, soltas. A gente sempre pode precisar. Essa, por exemplo: vai bicho, desafinar o coro dos contentes.

☆ Riocorrente, riocorrente, erronte vendo e vindo, Rino & Zeno, Cerronte d'Alquimim, que Ana mais Bela mas que trela Rita Ree? Corre rio, recorrente, sonho errante: quem dera um ria, outro à caça do Vidente: “O poeta se faz vidente com um longo, imenso e racional desregramento de todos os sentidos”. Excreceram a tenra e terna polpa eterna da nossa rebeldia? Riocorrente, riocohendrix não cria musgo: mas o que andam fazendo com o rock'n'roll?

☆ Estrelas pra tigo e migo estralam no meu coraçãozinho de galinha num xinxim. Estrelas pra você, estrelas para mim: **ESTAR UM CORPO EM OUTRO QUALQUER NEM SEMPRE NADA É NÃO) MEU BEM (STAR TALVEZ EM CONSTELAÇÕES DE LEÕES TÃO DENTRO E ☆ ☆ ☆**

Ademir Assunção é poeta e jornalista do “Caderno 2” de O Estado de S. Paulo.

Bye-bye, realismo. Elifas Andreato se despede das imagens contundentes do cotidiano para sondar as cavernas da alma. O artista gráfico mais conhecido do Brasil, que nunca quis pintar uma paisagem morta, volta-se contra o jogo das aparências para distorcer o real. "Estou vivendo uma fase muito sensível da minha vida, quero experimentar minha intuição ao máximo."

Os olhos derramam um pouco de água pelos pincéis e tintas quando o artista lembra a infância perdida, desgrçada pela pobreza; um dia viu um homem esculpir estátuas de mármore para um cemitério, e essa visão azulou o sofrimento do artista. Resolveu fazer decoração para salões de baile, em São Paulo, enquanto trabalhava de torneiro-mecânico numa indústria; foi parar na Abril e se encantou com o parque gráfico da editora. Em pouco tempo revolucionava o padrão gráfico tupiniquim com um trabalho visual de altíssimo nível na antológica Coleção da MPB. Largou a Abril mas nunca mais deixou a música: mora num sobrado em Perdizes e fica desenhando ao lado de um aparelho de som onde se pode avistar Sting, Legião Urbana, Paulinho da Viola, Dolores Duran, Elvis Presley, João Bosco... Cheio de planos, ele faz as malas para chefiar, no Rio, o setor de arte e cenografia do "Fantástico"; quer fazer misérias com um computador que lhe apresentaram, um tal "Ilha 8." Quer botar sentimento e tesão nessa máquina. "Eu só sei trabalhar assim." Projetos na gaveta ele tem bastante: 1) Tom Zé, o amigo mais chegado, diz que vai escrever sua biografia; 2) a partir de um poema de Vinícius quer bolar um musical com Jobim, Caetano e Chico; 3) outra idéia é reunir num especial Caymmi e Gonzagão — que sai logo. Enquanto isso vai fazendo ilustrações para revistas japonesas e evitando a publicidade. No fundo, um cruzado romântico que até hoje não tirou da cabeça o plano de ressuscitar Caviúna (hoje Rolândia), onde nasceu há 43 anos. Na época da II Guerra a colônia alemã desta cidade do norte do Paraná trocou o nome dela para Caviúna. Ele não tá nem aí: diz que é de Caviúna, tá na certidão. Na mesa de trabalho há um livro reunindo as capas de discos que desenhou, com dedicatórias elogiosas dos amigos Tárk de Souza, Júlio Medaglia, Chico Buarque, Paulinho da Viola. Mais café. O artista diz: "Mas no fundo eu sou do mundo mesmo."

Nicolau — O que você anda fazendo?

Elifas — Andei ocupado com o disco infantil do Toquinho sobre a Declaração dos Direitos da Criança. Fizemos um especial para a TV, cuidei do roteiro, cenografia e direção de arte. Mas não editaram direito... Vamo ter que fazer de novo, reeditar o programa...

Nicolau — E as capas de disco que você transformou em arte?

Elifas — Não me interessam mais. As gravadoras também não se interessam. Abri esse espaço da interpretação visual de um disco, mas hoje as gravadoras têm uma estrutura complexa. Não há chances para essa arte. Só faço capas de amigos e o barato é a convivência com eles. O último com quem trabalhei foi Martinho da Vila... O músico nunca sabe como quer a capa, e quando diz "eu tenho uma idéia", raramente apre-

O olhar em cor de ELIFAS ANDREATO

Entrevista a Carlos Arruda



Terra-roxa, quase-brancura do sol incandescente, verde-mato, pó que sobe atenuando as formas: Caviúna. Desta cidadezinha do norte do Paraná vêm as linhas e cores de Elifas, que diz ao Nicolau a que veio e a que vai. Na arte, que a vida ele sabe de cor: aprendeu a tirar do preto todas as outras cores.

senta uma idéia correta sobre a tradição gráfica. Aconteceu com o Chico Buarque, Paulinho da Viola. No começo o Chico achava a capa do Almanaque muito pretensiosa, ele é muito preocupado com a imagem. Aí fizemos juntos aquela mitologia dos signos, os anagramas, aquelas brincadeiras. Ele deixou de fazer uma música para fazermos juntos a capa, foi divertido...

Nicolau — Por que ficou difícil fazer novas capas?

Elifas — A mídia se industrializou, o músico agora é só mais um funcionário. Nenhum artista, hoje, impõe nada, as gravadoras mandam mais no trabalho deles do que há 10 anos. Tudo está no contrato. Isso altera a relação do músico com o capista, com os acessórios do produto. Você vive num sistema onde a preocupação é vender, tudo bem, mas antes os artistas podiam ousar mais...

Nicolau — É uma barra manter a coerência, né?

Elifas — Veja o Paulinho da Viola: está sem gravadora porque vende uma média de 40.000 discos. Então, não interessa. Um bom produto para eles deve vender 120.000 discos, no mínimo. O disco do Toquinho custou 50.000 dólares e para ter retorno deve vender 150.000 cópias. Mas a gravadora lançou junto o disco dos "Trapalhões" e vai apostar mais neles; eles têm a Globo por trás. Um disco

bonito, como o do Toquinho, vai dançar. Não interessa qualidade de idéias, interessa se vende. O problema é o que fazer: imagine o Paulinho cantando pagode só porque pagode é popular, ou o Chico cantando uma música do Sullivan e Massadas? A gente não sabe o que fazer...

Nicolau — A indústria cultural moderna liquidou o romantismo da sua geração?

Elifas — Nossa geração fez sua obra em cima de princípios. Acho que temos uma espécie de sentimento de culpa por não sermos o elo, o trampolim, o ponto de partida para a moçada que está aí...

Nicolau — O que você está ouvindo?

Elifas — Olha, todo mundo fala do RPM, mas eu acho que além da mídia gigante eles são conservadores. Têm uma permissividade consentida pela classe média. O Lobão não tem esse espaço... Eu fico ouvindo só instrumental. Independente de gerações, a música brasileira é muito rica. Estou revendo o Wagner Tiso da época do Som Imaginário, ouço muito o João Bosco (fiz duas capas para ele), gosto do Legião Urbana, Títãs, Léo Jaime...

Nicolau — Você gostaria de fazer uma capa pro Roberto Carlos?

Elifas — Gostaria, mas ele é superpeticioso, só usa o mesmo fotogra-

fo, Darci Trigo, há muitos anos. Roberto tem uma obra sempre previsível, mas em seu estilo ele faz melhor que ninguém. Eu sempre vejo o Roberto pela visão de minha mãe. Eu faria uma capa assim: não teria foto dele na capa e ela seria azul, que é a cor preferida dele, um azul "chapado". Embaixo, teria um céu (tem um disco do Jacques Brel mais ou menos assim) e três nuvens, difusas, com as iniciais RC. Dentro do encarte um retrato autografado dele, talvez um porta-retrato montável, com a figura do Rei e um espaço para você personalizar a dedicatória...

Nicolau — Como é que você está sentindo hoje o seu trabalho?

Elifas — Estou na fase mais sensível da minha vida, já acho que o futuro não é tão longe. Tenho um rigor com a obra que fiz. Fui esses dias numa reunião do Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Miguel Farias, mas não fiquei lá, achei a conversa rançosa, eles falavam com amargura da própria obra... Mas é verdade, a estrutura não quer investir em talento, eles cagam para o que você já fez. Teve um tempo em que os cineastas faziam um roteiro e tudo bem. Hoje não dá mais. Vejo o teatro como está complicado, como está pobre. O Antônio Fagundes está tendo uma atitude mais moderna, montou sua companhia, tem um repertório de peças, está viabilizando seu trabalho. Senão vai fazer o quê? Novela da Globo? Fagundes tem sido criticado por isso, mas são críticas invejosas, sacanas, ele é um cara decente e honesto, não faz picaretagem, paga bem os atores... Organizar é fundamental, a gente tem mania de mamar no Estado, na EMBRAFILME, FUNARTE. Isso é o lado trágico da nossa cultura recente, essa dependência. Os escritores vivem um problema mais dramático: o público não lê, a grande maioria não aprendeu a ler. O cara vive fodido com aluguel, paga um preço alto para sobreviver. Esse país nunca pensou no seu futuro. Em 77 fiz uma coletânea de poetas novos para a Editora Ática, a coleção "Nosso Tempo." Hoje ninguém quer mais isso. A Brasiliense reduziu de 300 para 50 o seu número de lançamentos. Que chances têm um jovem escritor? É uma época complicada, a classe média também empobreceu, é ela quem faz o mercado...

Nicolau — Você está planejando fazer o quê?

Elifas — Gostei da experiência em TV, e o Roberto Talma me chamou para fazer a direção de arte do "Fantástico." Topei, eu quero conhecer TV, vou ocupar esse espaço. O Picasso ensinou isso: possibilidades não podem ser desperdiçadas. Fiquei fascinado quando me apresentaram um computador, o "Ilha 8." Esse troço realiza todos os efeitos que você quiser... O Talma não quer o real no programa: quer o sonho, a fantasia na cenografia, no desenho. Vou dar minha interpretação visual, fazer minha leitura, reorientar a cenografia. Eu criei imagens e formas para a música, acho que posso avançar na TV...

Nicolau — Sua base como artista gráfico vai ajudar...

Elifas — Acho que conheço tudo de gráfica. Quando era chefe de arte da Abril e cuidava da Coleção da MPB descobri a importância de varar as noites ao lado dos operários gráficos. Domino os detalhes da oficina, das cores, da impressão. Estudei os fotolitos, agora quero aprender a desenhar no "Ilha 8"; essa máquina é de enlouquecer... Eu só posso trabalhar emocionalmente, com tesão. A TV é fria como veludo, mas outras faces dela podem ser exploradas...

Nicolau — Sei que você estudou bastante os surrealistas (Magritte, Dalí), e quero saber de que maneira eles pintam em seu trabalho que é diferente, é realista.

Elifas — Sempre tive paixão por eles, por essa coisa de fragmentos. Mas eu fui formado na pop art. Tinha uma leitura política daquela coisa, jogava imagens imaculadas, como símbolos, para as pessoas refletirem sobre a realidade. Uma representação sem metáforas, porque os tempos eram aqueles. Eu sonhava informações, o cara tinha de desvendar. A partir de 79 deixei isso e passei a procurar a alma, a coisa mais secreta de cada um. Acho que não curto mais o Dalí como curti na época em que ele radicalizava a alma, acho que na sexualidade ele foi conservador, ficou aquém... Tem umas pessoas que criticam aquela minha fase, o Telmo Martino chama de "realismo subdesenvolvido", mas aquelas imagens inconvenientes eram uma necessidade de minha. Crianças fodidas, marginalia. Hoje, eu sei, está mais dramático, mas, curiosamente, eu me projeto para a alma, à procura da minha identidade, da casa em que nasci, a minha universalidade; quero extrair o provinciano, encontrar minhas particularidades... Talvez por isso tenha períodos longos de depressão... Essa história que fiz com o Toquinho é um pouco isso: um homem procura um tesouro que perdeu numa estrela, esse tesouro é a infância. É minha história também... Não tive infância, tive que trabalhar aos sete anos, família miserável de pobre, pai alcoólatra. Vim aprender a ler aos 15 anos, como autodidata. Foi duro pra mim...

Nicolau — Voltando às capas: foram os Beatles, com Sgt. Pepper's, que tornaram a capa de disco parte essencial do trabalho artístico?

Elifas — Aquele disco deles é um marco, e depois teve o Yellow Submarine também. Até aí, capa era embalagem. Quando editei a coleção de MPB, fiz um retrato psicológico de cada músico, um universo fiel à obra e personalidade de cada um. Eu gosto de conviver com o músico antes de fazer a capa. Minha primeira capa foi Nervos de Aço, que tem o Paulinho da Viola chorando. A gravadora não gostou, os críticos diziam que tinha de recolher os discos. Mas o Paulinho assumiu o risco: ele sabia que aquela capa era honesta, ele estava se separando da mulher, Isa, e suas lágrimas e sua emoção estavam

naquela capa. A Odeon não gostou mas o disco vendeu mais que os outros do Paulinho... Quem tinha também umas capas bonitas era o Pink Floyd... O Elvis Presley e o Roberto Carlos nunca transaram as capas porque são artistas de relação afetiva. Se não tiver foto do Roberto na capa é aquela frustração para a mulher de 40 anos que acompanha o rei, ela sempre quer ver as rugas dele...

Nicolau — Quem é o artista que mais o tira do sério?

Elifas — Um gênio chamado Caetano Veloso. Assisti ao show dele no Palace?

Nicolau — Ainda não...

Elifas — Esse cara é impressionante; me rendo a Caetano. Tá sempre na frente, sacando tudo, criando poesias lindas. Ainda vou fazer uma capa pra ele. Eu disse ao Caetano que ele tinha que gravar lá fora; seus poemas são bárbaros. Ele não faz concessões, é um artista que não faz concessões. Quando o criticam ele não se irrita, fica indignado com a pobreza da crítica. Tá na dele...

Nicolau — E essa história de fazer capa pra revistas japonesas?

Elifas — Um dia entrou um japonês alinhado no meu atelier e disse que queria me contratar para fazer as capas da principal revista de música latina editada no Japão. Foi embora dizendo que no dia seguinte alguém me traria um contrato pra assinar. Pensei que era um doido, entram tantos aqui... No dia seguinte, um cara apareceu. Resultado: há três anos trabalho com eles, eu faço todas as capas. Os japoneses têm um traço suave, um desenho quase transparente, branco, delicado. Eu injetei cor

e sonhos nesse padrão e acho que eles gostaram.

Nicolau — Sua relação com a música é muito grande?

Elifas — Sou um músico frustrado. Mas tenho minhas letras por aí, eu adoro compor. Dirigi há pouco tempo, em Paris, alguns shows de música brasileira como parte do acordo cultural Brasil-França. Nunca senti emoção igual. Levamos Gilberto Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento, João Bosco, Alceu Valença, Maria Bethânia, Dominginhos e um conjunto do Maranhão, por conta da Roseana Sarney. Tudo bem. Mas foi incrível, a música brasileira é idolatrada lá fora, o público parece encantado. O Chico fez naquela noite o melhor show da sua vida. Estava sóbrio, não esqueceu as letras. Eu pedi a ele pra não beber. Ele e o Gil falavam francês fluentemente, brincaram com o público. O Chico cantou 30 minutos com uma superbanda e foi demais! O Gil chegou sozinho com o violão dele e simplesmente incendiou a plateia, o Milton ficou sentado num banquinho o tempo todo, e todo mundo hipnotizado com a voz do negão...

Nicolau — Que é que você estava fazendo quando cheguei?

Elifas — Um desenho sobre os 100 anos da Abolição. Vou deixar pra mais tarde. Tô também fazendo um roteiro surrealista de um clip do Paulinho da Viola. A música chama "É assim que o samba vem". Vou botar pra você, (Levanta, põe o disco. Batucada gostosa, e a voz do Paulinho que há tanto tempo não se ouvia: Vem! De repente de uma saudade/ Triste/ Derramado de emoção...). No clip o Paulinho vai flutuar no espaço,

sobre um tabuleiro, em que os quadros brancos são vazados: o espaço será tomado por chapéus que passam voando, bicicletas, casas, todas as lembranças, enfim. Mas desde 70 eu tenho um velho projeto (que finalmente vai sair agora, porque a Globo topou) chamado "Terra e Mar". Terra é o Gonzagão, Mar é o Dorival Caymmi. O texto da terra é de Guimarães Rosa, o do mar é de Jorge Amado. O Gonzagão vai cantar xote, baião, lamentos sertanejos, e o Caymmi as canções praieiras. Os cenários da terra serão inspirados em Portinari (aquele quadro, "Espantado no Arrozal") e o do mar, no Caribe. Só tô meio preocupado porque o Gonzagão me disse que não agüenta cantar muitas músicas, que está cansado. Ele falou: "Meu filho, vamos fazer uma coisa mais leve..." Eu estou pensando em levar outros artistas, então: para o quadro da terra, além do Gonzagão, deve ir o Caetano, Dominginhos e a Gal. No mar devem entrar o João Bosco, o Dori e a Nana Caymmi.

Nicolau — Mostre aí uma letra sua.

Elifas (empolgado) — Tá legal. Chama-se "Uma Mulher." Eu gosto dela. É assim:

Uma só conta comigo
Me dá seu abrigo
Cuida de mim
A outra que eu não conheço
Faz o seu prego
Como ela quer
Uma me dá seu peito
Quando eu me deito
Me faz dormir
A outra grita comigo
Só tem direitos
Diz o que quer
Uma me põe sempre a mesa
Me dá sobre mesa
Roupa lavada
A outra me tira o prato
Gato e sapato
Faz quando quer
Uma só diz que me ama
Que faz a cama
Quando eu vier
A outra nunca se engana
Quando me chama
Me acende a chama
Me profana como quer

Acho que parece letra do Chico Buarque, né? Tenho outras gravadas por amigos, algumas pelo Jessé. Sabe que esse cara me surpreendeu? Me chamaram para fazer os cenários do show dele, eu fui, meio assim, cheguei no estúdio o cara estava gravando um coral, sozinho. Ele punha dezesseis vozes diferentes nos canais, depois foi pro piano e tocou, foi pra bateria e explodiu aquele negócio. Um grande músico. Pedi pra amigos meus mandarem músicas pra ele cantar, ninguém mandou. Então eu falei pra ele: vamos fazer as canções. Fizemos e quem viu o show adorou. Eu sou assim, se alguma coisa bateu eu tenho de pegar...

Carlos Aruda é jornalista de O Estado de S. Paulo.



INADVERTÊNCIA

Sylvio Back



Uma trança dolorosa.
Uma lembrança calorosa.
Certa agonia
(arrebatamento)
madre de tantas façanhas,
acometi-me.
Sem nunca dantes.
Por temor.
Por pudicícia (que palavra...)
Sempre achei que poema e o poetar
coisa difícil
de rimar.
Como um suicídio, um a um, pertinentes,
entre nervuras de língua/linguagem,
entre goles, goelas, golpes e groselhas.
Coragem tombada, aos primeiros versos
adveio o pânico.
Medo de ousar, usar e abusar (mais).
Flagrei-me com (f)alta de prumo.
Embora insistisse recluso, inconcluso, obtuso.
O trem do coração
(cor e ação)
já renunciava o último vagão.
Peguei-o, mãos calejadas de epidermes
inermes,
a cabeça prenha:
de words & songs,
uma floresta úbere de sombras,
retículas e blow-ups.
Livre como um rio, voraz como uma enchente,
excitado como uma Naja,
fiel feito amizade,
depus o deposto.
Calor e dor afundavam e emergiam,
vinham, fugiam e refulgiam.
Aos poucos, a letra formou sua própria tempestade.
Ninguém capaz de segurá-las,
a palavra e seu eco.
Nem mesmo eu: o amo do fluxo memorial,
o titular do vocábulo gestante.
Nem os silêncios entre um e outro
falsete
do estro canhestro.
Ficaram (estão) assim,
estranhos que se olham,
(já não nos conhecemos?),
nem sonhando que alguma vez partiram do mesmo porto.
Também, por que buscar o fio da meada
no ininteligível?
Afim, meses em vão souberam,
isto sim,
recolher a velha emulsão.
Essa que lateja,
que macera o esquecimento,
essa que esmerilha o tempo,
dá-lhe uma rasteira que ela merece.
Do passado volto de mãos afanando.
Do futuro antecipo o imperecível.
Do presente, acaba de passar,
agorinha mesmo.

Sylvio Back é cineasta e poeta. "Inadvertência" faz parte de seu novo livro de poemas, *Moldes de Luz* (co-edição Max Limonad/Secretaria da Cultura do Paraná, 1987).

NAS ASAS DA TRADUÇÃO

“Um corvo magnífico desses que não se fabricam mais.”

Denise Guimarães



Sobre o original de “O Corvo”, de Edgar Allan Poe (Massachusetts, 1809 - 1849) — o fértil feitor de textos, artifice lúcido do ‘material’ em seu material de trabalho — já pousaram muitos olhos e penas tradutórias: Machado de Assis, Fernando Pessoa, Godin da Fonseca, Haroldo de Campos, os paranaenses Thadeu Wojciechowski e Marcos Prado. E, segundo Denise Guimarães, a versão deste poema por Reynaldo Jardim e Marilú Silveira para filme de Valêncio Xavier (publicada no *Nicolau* 4, p. 12-13) discrepa: “dotados de verdadeira energia icônica”, seu labor se insere na legítima tradição “transluciferativa” haroldiana, onde o original não é mais uma vaca (corvo?) sagrada, mas iguaria signica a ser degustada e ruminada criticamente.

A recriação de “The Raven”, de Edgar Allan Poe, que *Nicolau* n.º 4, nos apresentou, não é apenas mais uma tradução em nosso idioma. Como era de se esperar, Reynaldo Jardim e Marilú Silveira revelam seu dom “transluciferativo”, para citar Haroldo de Campos, um gênio no assunto: “Flamejada pelo rastro coruscante de seu Anjo instigador, a tradução criativa, possuída de demonismo não é piedosa nem memorial: ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original. A essa desmemória parricida chamarei “transluciferação.” (*Catálogo da Exposição TRANSCRIR*. MAC/US. São Paulo, 1985.p.8)

Não é esse o espaço para teorizações, mas a publicação instigou-me a comentar alguns pontos que me parecem inéditos e adequados à proposta dos transcriutores, dotados de verdadeira energia icônica.

“Sem piedade”, eles operam uma profunda transmutação em certas passagens do poema, recriando os versos, sem se preocuparem com a fidelidade ao sentido literal ou à forma original. Com rigor buscam a produção de efeitos análogos com meios diferentes; “desmemória parricida”?

Comparando:

Poe

*And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted—nevermore!*

Trad.

*E o desgraçado não se mexe. Fica ali parado, quieto, com seus
olhos de demônio. Parado. Estático. Duro. Imóvel.
E minha alma presa para sempre. A luz do teto espalha no chão
sombrias fantasmas, funerais, sinistrais. Ah, Leonor, de você não
me libertarei jamais com esse Corvo a repetir seu devastador
never, never, never mór.*

Escolhi começar pelo final, justamente porque Poe, na “Filosofia da Composição”, texto precursor das teorias poéticas do Século XX, enfatiza o “efeito do desfecho”, que, perseguido desde o início, deve conservar-se como um eco da melancolia (segundo ele, o mais legítimo de todos os tons poéticos). Vemos que na recriação, o tom romântico é intencionalmente redimensionado. A opção pelas pausas, pela pontuação enfática, acentua a imutabilidade da situação: “Parado. Estático. Duro. Imóvel”. Os tradutores, fazendo, quase às avessas, o percurso configurador da função poética no texto romântico, reinscrevem no enquanto projeto meta-isomórfico. Num mesmo gesto que se desvia aparentemente da forma original, a tradução criativamente libera a forma semiótica nela oculta. Com “sombrias fantasmas, funerais, sinistrais”, por exemplo, recupera-se a intensa preocupação de Poe com o “encanto fônico”. O caráter reiterativo, observado em alguns momentos da tradução, é intencionalmente quebrado na última estrofe, salientando a perfeita síntese do refrão original conseguida em: “never, never, never mór”.

Aliás, outro “achado” genial, merece ser destacado, não só pela sua forma, sua carga semântica, mas também pelo momento da tradução em que aparece:

*Leonor, Leonor, Leonor
(apenas o eco responde)
dor, dor, dor.*

Versos como esses revelam que o pensamento dos tradutores é do tipo diagramático-analógico; ou seja, operam analiticamente (visando a criação) e sinteti-

camente (com vistas à invenção). Da simultaneidade destas operações mentais surgem os efeitos mais eficazes da tradução criativa. Esta tem o privilégio de incorporar a dimensão crítico-metalinguística, como em: “— *Never mór — que significa nunca mais.*”, ou “*que a única coisa que dizia — em mau inglês —*”. Expressões como essas (auto-referenciais), bem como o estranhíssimo acento em “mór” (rima paródica para Leonor e dor) revelam uma consciência do uso do código que define um projeto metapoético.

Ainda na estrofe final, destaco “*E o desgraçado*”, um dos momentos fortes do tom paródico que se imprimiu ao texto. Assumindo o caráter lúdico do contra-estilo, a paródia recoloca certos elementos, consciente da necessidade de considerar a transferência de contextos. Cria-se um espaço poético novo para que se possa, hoje, no Brasil, continuar lendo Poe com renovado prazer:

E o corvo, na maior:

Ah, never mór.

Não existe um curvar-se referencial ou reverencialmente diante do texto primeiro e sim uma dessacralização daquele, porque, em muitos momentos, percebemos a ruptura, a descontinuidade, a quebra do poema romântico, por sua leitura ao revés. Cotejando:

Poe — *T’is some visitor*

Trad. — *É algum chato*

ou ainda:

Poe — *And the silken sad uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me.*

Trad. — *As cortinas farfalham. Roxas. E me assusto.*

Como operação de leitura, introduz-se na fala de Poe uma intenção nova, às vezes antagônica: “*Oh! seu urubu filho da puta. Chega desse chato never mór.*”, “*Chô, urubu chato*”, “*acho até engraçado esse pássaro preto cheio de pose*” e outros momentos similares, manifestam a vertiginosa consciência não só da passagem de um idioma para outro, mas da nova dimensão espaço-temporal. Por estar do lado do novo e do diferente, a paródia é sempre inauguradora de um novo paradigma: “*Não um mero urubu.*”

Percebemos que, em contraste com os momentos que chamaríamos de metonímicos da tradução (os mais conservadores), os momentos paródicos estabelecem uma dialética intra e intertextual, geradora de imprevisíveis significações. A visão da relação passado/presente, estrangeiro/nacional, como pólos dialéticos ressonantes, revela as equivalências intersemióticas. Organizando um universo sócio-peculiar, o texto percorre o caminho que vai da razão para a imaginação, do símbolo para o ícone (Peirce).

Concordando com Valêncio (e curioso para ver seu filme): “É simplesmente a melhor transcrição de um poema de Poe até hoje cometida em língua brasileira, e também a mais fiel.” Saliento a expressão “língua brasileira”; poderia discutir a questão da fidelidade e sua opinião sobre a tradução de Machado de Assis, com a qual não concordo, mas creio que o que importa é acrescentar: uma brilhante recriação, transluciferação, transcrição antropológica que, assumindo-se como independente, busca o análogo (não o alheio). Ao construir versos que são verdadeiras equações verbais, esta é a tradução metafórica de que nos fala Octavio Paz, aquela em que se apreende a estrutura do texto de partida para recriá-la no texto de chegada.

Denise A. D. Guimarães, professora de Literatura Brasileira, de Teoria da Literatura e de Semiótica e Comunicação no UFPR. Autora de *A poesia crítico-inventiva* (Curitiba: SECE, 1985). *Estudos sobre o Modernismo* (em colaboração; Curitiba: Círculo, 1982), além de trabalhos publicados em periódicos especializados. Editou a revista *Estudos Brasileiros* (UFPR 13 números: 1976-1982).

Erótica

1

A hipóbole enquanto figura de linguagem está ligada ao processo da ereção, do pênis no homem e do clitóris na mulher, a dilatação, o crescimento vindo de dentro.

Por isso, a pornografia é essencialmente hiperbólica: membros imensos, órgãos enormes, tudo conduzido às fronteiras do exagero.

A pornografia beira os limites do máximo da imaginação, da qual, como fantasia erótica, é dimensão fundamental da vida humana. Só os animais fazem sexo sem imaginação.

A liberação da pornografia é pressuposto básico de qualquer nação civilizada. Uma nação como uma tribo do Xingu, os xavante, os txucarramãe, os kren-akarore, onde a atividade sexual é franca e aberta e falar de sacanagem é uma das principais atividades simbólicas.

2

Sexo oral. Beijo. Respiração boca a boca. Todo o calor que se evapora na emissão de um fonema.

Em poesia, o oral é erótico e erótico é o oral.

Durante o ato sexual, não acendemos semáforos, sinal verde, sinal vermelho: amar é de olhos fechados.

Mas dizemos coisas, boca no ouvido.

Nascemos para dizer e ouvir essas palavras. Nem que seja no papel.

Leminski

Morte Provisória

★ *Se eu te morrer em mim a chave
morre de mim a intangível chave
com qual me acordas a primavera
floral entrave que a paixão gera*

*Indústrias a tua vida em mim urgente
a fim de que a vida nem toda arrebatada
de eu te morrer, a sangue frio, no silêncio
e me morreres quente sob o luxo da esperança*

*Mas se és em mim o aéreo absoluto
que a morte ruja a fúria do minuto
nas manhãs que cavamos, mortos de sol
sobreviventes e naufragos do mesmo lençol*

*Só então quando assome a morte infanda
de te morrer e me morreres com vida ainda
faça-se o que é morte à luz crua do teu braço
onde tu me morras e eu te morra sem cansaço.*

Wilson Bueno



john & ioko

★ quem me dera
ser teu dono
ser teu john
minha ioko ono
o sonho bom do teu sono
doce abandono
abanando o rabo
como um cão abana
pro seu dono

mas não posso
e sou feliz
mesmo assim
ter um troço
sem começo meio nem fim
será que posso
chamar isso de nosso
e chamar você de mim?

quem me dera
me contento
roubar um só momento
do tesouro do tempo
se você pelo menos visse
tudo que eu tenho dentro

Paulo Leminski

■ amar você
silenciosamente

saber há quanto
tento

dizer ao vento
- entre

Rodrigo Garcia Lopes

de que seda
é tua pele?

★ de que fogo
minha sede?

de que vida
tua vinda?

pedaço que padeço
sonho que teço

que jogo
nos vence?

cedo
mais cedo
do que penso

Alice Ruiz

● afasto as cortinas do antro
e já me sinto um adepto
das orgias que vejo por perto

é nessa igreja que eu entro
lá onde o deus é ateu
e o dinheiro prova de afeto

Eduardo Ribeiro

○ Figo da Índia

A casca espinhenta
guarda a macia doçura da polpa.

Helena Kolody

★ Beira-mar

o êxtase é um oceano
depois ficamos frouxos
feito bonecos de pano

Nelson Capucho

◀ secedendo

na seda de teus seios
a sede de minhas mãos
cedo ou tarde amor
ceda-me o teu favor
sede toda minha
terás no meu coração
segura e pura sede

Alberto Cardoso

● Que Ocorra O Que Ocorre, O Que Escorre: Amores Pêlos Humores, Rumores Por Todos Os Sabores Do Teu Corpo Feliz.

Alberto Puppi



CONCURSO NACIONAL DE CONTOS

PRÊMIO PARANÁ

REGULAMENTO

- 1º: O Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Estado da Cultura — SEEC —, realiza o Concurso Nacional de Contos — Prêmio Paraná (livro inédito).
- 2º: O certame se realizará em apenas uma categoria geral, e poderão participar concorrentes de todo o Brasil, com um livro de contos inéditos, com um mínimo de 80 laudas, papel ofício, espaço 2, em 5 (cinco) vias.
- 3º: O primeiro classificado ganhará o Prêmio Paraná, no valor de Cz\$ 100.000,00 (cem mil cruzados), além de ter o seu livro editado pela SEEC; o segundo classificado fará jus ao prêmio de Cz\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzados) e ao terceiro colocado caberá o prêmio de Cz\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzados).
- 4º: O melhor paranaense será distinguido, ainda que cumulativamente, com o prêmio Newton Sampaio, no valor de Cz\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzados).
- 5º: A Comissão Julgadora poderá, a seu critério, conceder menções honrosas e recomendar a edição do segundo e terceiro classificados e do melhor paranaense.
- 6º: Os trabalhos concorrentes, devidamente identificados com pseudônimo, deverão ser encaminhados até 10 de março de 1988 para: Secretaria de Estado da Cultura Concurso Nacional de Contos — Prêmio Paraná Rua Ébano Pereira, 240 80.410 — Curitiba — Paraná
- 7º: Os trabalhos serão acompanhados de um envelope fechado, contendo em seu interior o nome, pseudônimo, endereço, telefone e breve currículo, além do RG. Na parte externa do envelope deverá constar apenas o título do livro de contos e o pseudônimo do autor.
- 8º: Os direitos autorais dos livros premiados e editados ficam assegurados na forma da lei, cabendo à SEEC apenas os direitos da primeira edição, que terá caráter unicamente cultural, alheio a quaisquer tipos de comercialização.
- 9º: Uma Comissão Julgadora, composta de 5 (cinco) membros especialmente convidados, decidirá a atribuição dos vários prêmios. Ficará assegurada, também, a faculdade de eventualmente não conceder alguns dos prêmios.
- 10º: O encaminhamento dos trabalhos na forma prevista no presente regulamento implica a prévia concordância com todas as disposições nele consignadas.
- 11º: Os prêmios serão entregues em solenidade presidida pelo Governador do Estado, em junho de 1988, em dia a ser oportunamente fixado.
- 12º: Os originais não serão devolvidos.
- 13º: Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora do certame.

OBRIGADO, POVO

Domingos Pellegrini

AFINAI, VIOLEIROS, TODAS AS CORDAS. DESATAI
O NÓ DA GARGANTA, RETESAI AS CORDAS DA
VIOLA: O ESCRITOR MAIS PÉ VERMELHO DAS
TERRAS ROXAS DO NORTE VOS OFERTA ESTA
LETRA À PROCURA DE UMA MÚSICA.
DE UM CANTAR QUE LEVE OS MALES E ENLEVE,
AFINAL. QUE TAL TENTAR?
(REMETER PARTITURAS PARA O NICOLAU.)



*No Norte do Paraná
fui nascido e crescido
Na Escola do Café
me eduquei na enxada
Aprendi levar pancada
música aprendi de ouvido*

*Agradeço ao povo
que cata café
Olha eu de volta
a cantar pra vocês*

*Não aprendi leitura
escrita desconheço
Carroceria dura
foi a minha escola
Mas no peito a viola
fala pela cabeça*

*Obrigado, povo
que planta capim
Olha, a minha mãe
dizia bem assim:*

*Gente sem estudo
é mesmo que pilão
Vive apanhando muito
pra comer farelo
Quando fica velho
rola pelo chão*

*Obrigado, povo
que bate feijão
Olha como bate
fundo o coração*

*Mãe dava conselho
pai me dava enxada
Barro pelo joelho
escorreguei na vida
Mamei inseticida
comi pó de estrada*

*Obrigado, povo
de foice na cana
Olha como bate
o coice da lembrança*

*A cavalo no medo
uma segunda-feira
Calejado no dedo
a viola ensacada
Toquei pra cidade
pra ser violeiro*

*Obrigado, povo
que abre porteira
Olha eu passando
uma segunda-feira*

*Trabalhei de biscate
servi de pedreiro
apertando alicate
e batendo formão
nunca perdi na mão
o jeito de violeiro*

*Obrigado, povo
que debulha milho
Olha eu de volta
a cantar o estribilho*

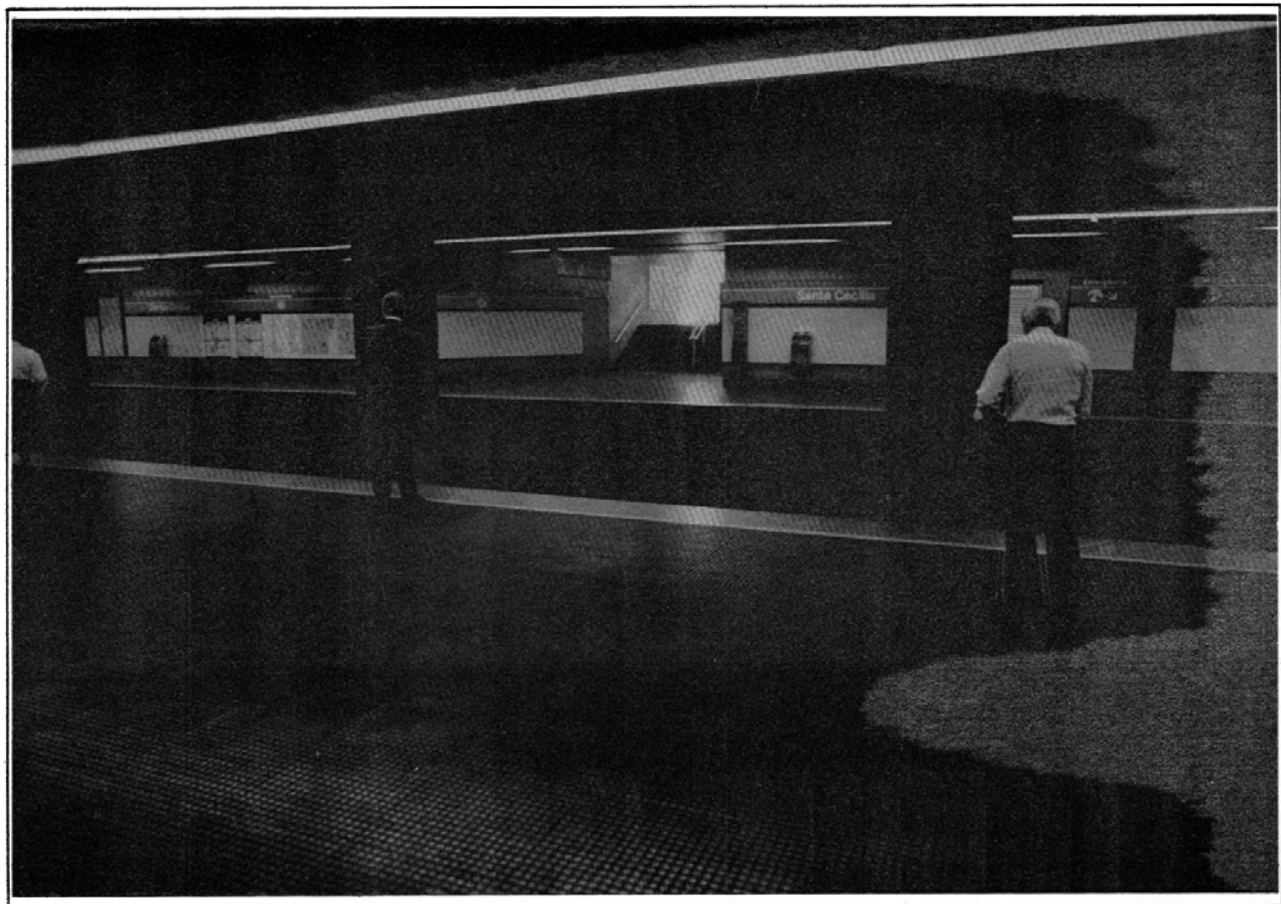
*Noutra segunda-feira
olha eu lá gravando
meu disco primeiro
e daqui pra frente
mesmo de repente
vou morrer cantando*

*Obrigado, povo
que cata café
Sempre nasço de novo
a cantar pra vocês*

*Na roça ou na cidade
um dia Deus queira
a gente tenha vontade
de meter o pé
e abrir com fé
estradas e porteiras*

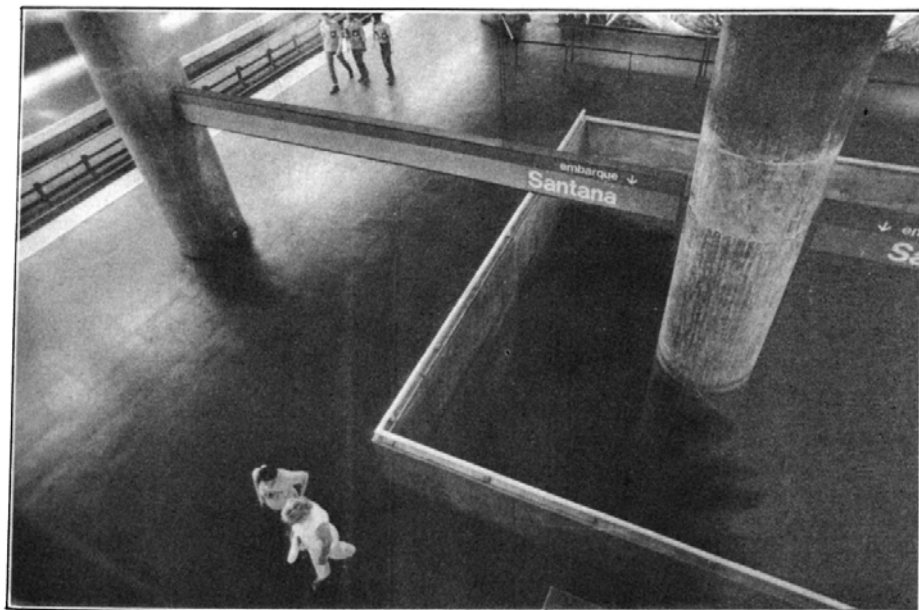
*Obrigado, povo
que atenção me deu
Se a terra for nossa
será nosso o céu*

Domingos Pellegrini é autor de *O homem vermelho* (Civilização Brasileira, 1975), *As sete pragas* (Civilização Brasileira, 1979), *Palíades* (Ática, 1984) e *Os meninos crescem* (Nova Fronteira, 1986).



**ivan
bueno**





ivan bueno

a solidão nas estações de São Paulo



foto: Alberto Vianna

A vanguarda da fotografia curitibana ou parte dela trabalha atualmente no plural, compartilhando estruturas e poéticas, como a AF Atelier de Fotografia, que reúne o olhar profissional de Julio Covello, Alberto Vianna e Ivan Bueno.

Ivan quis captar a solidão da grande cidade dentro do big fliperama metroviário.

Visões, revisões. Depois de feita a foto é que se descobrem as coisas. Você fotografa rápido: Spá! Shpá! Umas coisas descobre no laboratório, outras aqui e agora, outras quando for editado.

Ele está na moda, na fotografia publicitária, a serviço da produção e da aventura. Vem do fotojornalismo e não sai dele e está nele também.

Gaúcho de Palmeira das Missões, puro pampa, subiu a trilha norte e no Paraná acompanhou a fase decisiva da longa marcha do PMDB até o Palácio Iguazu. Entrou nele com Richa em 83 e saiu em maio de 86 para colher com o *Turco* mais um feixe de vitórias nas urnas.

Imagens retidas na retina. As do III Estuário, terceiro na enumeração da ONU. *Lá, quando uma ilha liga o rádio todas as mais escutam.* Lá Ivan viu a Velhinha: 82 anos, soberana e única habitante de uma ilha — o marido tinha morrido picado de cobra. *Capinava, plantava, comia fruta do pé, jogava a linha e tirava peixe. E até malícia ela tinha, de pedir que ele mandasse lá da cidade um viúvo para dobrar a população da ilha. Três ilhazinhas em volta. O som se propaga limpo.*

A caminho da sociedade de massas, que não o assusta, Ivan adentra o metrô paulistano: alumínio e sombras, murmurações metálicas de mecanismos.

Um silêncio e só aquele zummmmmmmmmmm. E todo mundo esperando. E um clic.

Jaques M. Brand

OS UFOS CHEGARAM

Almir Feijó

A escancarada, desafiadora revoada que os chamados UFOs (ou ainda OVNI) andaram promovendo pelos céus de Curitiba na última semana de novembro trouxe mais uma vez à baila uma antiquíssima, insolúvel questão acadêmica: serão os discos amáveis, indiferentes ou agressivos, na média das suas supostas relações com o homem da terra? Num ponto, de cara, todos concordam: os discos existem mesmo — e isso já não é mais possível negar.

Sabe-se que nos últimos anos, pilotos da aviação comercial, astronautas em missões espaciais, gente de todas as idades, raças e credos, e até mesmo algumas infelizes vítimas de explosões terroristas mandadas pelas ares, já tiveram a oportunidade de ver algo estranho singrando os céus, em diferentes partes do planeta.

Mas o que são os discos, como se comportam eles? Sua missão é de paz? Ou, ao contrário do que imaginam os esoteristas, o objetivo deles é dominar o homem, escravizar nossa civilização? Segundo o professor J. Allen Hyneck — considerado o mais importante estudioso americano — as relações entre os terráqueos e os extraterrestres começam quase sempre de forma gentil, com a troca de postais típicos e um convite para sentar.

Há ocasiões, entretanto, em que os ETs são bastante inconvenientes. Sabe-se que, em Porto Alegre, no começo dos anos 70, um turista polonês, Jerzy Walenski, protagonizou o mundialmente notório "Caso Walenski", considerado um clássico do gênero. Tudo começou quando Walenski, aproveitando-se da ausência de sua mulher, recebeu no hotel a visita de uma jovem que atendia pelo nome de TX-420, ramal 12. Educadamente, Walenski ofereceu-lhe pierogues e uma flut de vodka, mas o ser espacial recusou, alegando estar de regime.

Boas maneiras? Bem, é possível. Em todo caso, horas depois, quando a criatura foi embora, Walenski, completamente extenuado, notou a falta de todos seus *travellers-checks*, dólares e cruzeiros. Além disso, sumiu uma capa de estimação, que Walenski utilizava para exibir-se sexualmente a velhotas nas praças públicas de Lodz, Polônia. A mulher de Walenski também sumiu mas, para a desgraça de Walenski, voltou alguns dias depois, completamente careca e imitando o som de várias máquinas de escrever batendo um aviso prévio. O único vestígio deixado pela encantadora ET foi um detalhe que até hoje os pesquisadores consideram um indecifrável mistério: um cartão de visitas com o logotipo de um certo "Tânia's Drinks".

Tem-se informação de que as primeiras conversações entre os seres do espaço e os terráqueos versam sobre



Ilustração: Foca

generalidades, como por exemplo a alta do pão e o comércio de peras com a Croácia. Herb Miller, de Nova Iorque, foi abordado, altas horas da noite, por um homúnculo absolutamente desprezível, em tudo parecido com seu pai, que lhe pediu para ser seu avalista na compra de uma boneca inflável. Miller, desconfiado, negou-se. O homúnculo pediu, então, que Miller lhe desse, pelo menos, uma bênção. Miller negou-se de novo e, na mesma hora, foi transformado num exemplar do *Pensamento Vivo de Fábio Jr.*, edição de bolso. Meses depois, na Biblioteca Pública, Miller foi emprestado por um dentista que jamais o devolveu.

Jacques Clemanceau, o famoso diretor de teatro, contou ao *Le Monde* ter vivido a seguinte experiência, que os cientistas consideram uma das mais impressionantes de todos os tempos:

— Eu e Pierre Dorf, meu cenógrafo, estávamos jogando par ou ímpar. Quem ganhasse poderia chupar um pacote inteirinho de balas sem dar nenhuma para o outro. Inesperadamente, Pierre emitiu um pavoroso relincho e seus dedos começaram a cair. Em seguida, sua cabeça separou-se do resto do corpo e ameaçou sair correndo. Antes que isso acontecesse, Pierre percebeu o extremo ridículo da situação, juntou seus trapos e sumiu para sempre.

Prossegue Clemanceau:

— A tragédia começou mesmo alguns meses depois. Eu estava num telefone público, passando um trote em papai. A brincadeira consistia em ligar justamente no momento em que ele estivesse colando as figurinhas no seu álbum de Walt Disney. É que papai não suportava ser interrompido. Ultimamente, então, como não tinha conseguido a figura do bisonte, andava irritadíssimo ao extremo, reclamando pelos cantos: "O bisonte. Eu quero o bisonte". Chegou até a dizer para sua irmã — tia Bronte, — a quem não víamos desde que ela morreu na Segunda Guerra Mundial, quando foi cozida por engano numa sopa de legumes — que sua dificuldade em montar o álbum era resultado de um plano diabólico, urdido com o objetivo de desmoralizá-lo entre seus coleguinhas.

— No auge do trote, alguém bateu na porta. Não sei por que, achei que era um disco voador. O modo de apertar a campainha, talvez. Fui atender e, ao abrir a porta, um balde cheio de água, que eu tinha preparado para dar um banho em minha tia, despençou sobre minha cabeça. Meio zozzo, tenho certeza de que ouvi uma voz dizer: "Rápido, rápido: esgalem o periquito!". Anos mais tarde, pelo processo de regressão, meu analista provaria que a frase correta que escutei foi: "De quem é essa cueca, Matilde?".

Jacques Clemanceau continua a

narrar sua terrível experiência:

— O disco entrou. Abriu-se uma portinhola e, de dentro, emergiu um unicórnio sem chifre. Ainda tentei resistir, mas acabei golpeado com um violento golpe dos discursos de José Sarney na cabeça. Meus captores levaram-me então para Belíadan. Era um estranho planeta, localizado a dez dias de viagem do Rio de Janeiro, mas a sete onzilhões de anos-luz de Curitiba. Todas as manhãs, como principal novidade em Belíadan, chovia para cima, fato que provocou, por volta de 1950, violenta quebra no mercado local de bides íntimos.

— Todos, em Belíadan, usavam óculos, menos os que enxergavam bem. O mais curioso é que, lá, as pessoas não tinham costas. Isso mesmo: eram feitas só parte frontal. Isso permitia que, quando quisessem se livrar das suas esposas, os maridos dissessem: Gamei por sua nuca, querida. Vire-se, que quero ficar olhando para ela. Fiquei sabendo também que um cidadão acabou reduzido à mais absoluta miséria ao tentar inventar uma indústria de sutiãs, os quais fracassaram porque, ao abotoá-los, as mulheres acabavam se enroscando. Finalmente, por causa do mesmo fenômeno, um pai quis ensinar ao filho a brincar de cavalinho e terminou com o menino entalado na garganta.

O REINO DOS CRUSTÁCEOS

Out: "O Caso Hauber"

Dusseldorf, maio de 1983. Hermengardt Hauber, 71, entretia sua pequena serpente quando duas trompas de Falópio, pilotando alguma coisa parecida com um poema concreto, surgiram de repente. A mais desinibida delas — uma trompinha atarracada, dessas que dão a péssima impressão de serem solteiras e jamais respeitarem os faróis de trânsito — cruzou as pernas e disse:

— Okey, Hermengardt. Estamos aqui para dizer que achamos suas celulites abomináveis e que você vai pagar por isso.

Ato contínuo, a trompa retirou um cachimbo da bolsa. E, ao invés de primeiro pedir fogo à sra. Hauber, no-couteou-a com uma barretada bem na moleira, para só em seguida acender o pito — método que encantou a todos pela ousadia. A sra. Hauber disse que não recorda de nada durante o tempo em que esteve desacordada. Sabe, apenas, que só foi despertar muitos e muitos dias depois. Ela tem certeza de que foram muitos e muitos dias depois porque, ao recobrar os sentidos, estava com bastante mau hálito, a tal ponto que, ao dar um bocejo, ela própria não agüentou o bafo e caiu dura.

Mais tarde, a sra. Hauber foi le-



vada à presença de uma lagosta. Era uma lourinha, com olhos melancólicos e queixo voluntarioso, a bordo de um olhar ingênuo que sugeria, obviamente, que já tivera experiência. "Meu nome é Eliana", disse a lourinha. "Mas pode me chamar de Piti". A paixão foi fulminante. A lagosta pediu a mão de Hermengardt e impôs apenas uma condição: a de que jamais se referisse ou fizesse qualquer piada sobre suas barbatanas. Veio então um padre. Ele não tinha cabeça, mas isso pouco intrigou a sra. Hauber, pois sempre lhe pareceu típico dos padres.

(Na verdade, a idéia de alguém sem cabeça, com toda a inteligência concentrada no traseiro, emocionou Hermengardt Hauber. Veio imediatamente à sua memória a figura de seu querido irmão Horst — um homem sem modos, mas de coração boníssimo —, que se comprazia em pintar granadas de vermelho e afixá-las nos pés de maçãs, até o dia em que, por descuido, preparou uma torta de granadas para a sua própria sobremesa.)

As dez horas da manhã, os sinos da matriz daquele distante planeta começaram a tocar. Mas o destino parecia conspirar contra os fogosos amantes, pois, quando a cerimônia ia começar, viu-se que o padre tinha esquecido seu livro de salmos. Aliás, não apenas o livro de salmos, mas também a própria batina, tanto que estava só de cuecas. Isso encheu-o de vergonha, a tal ponto que, de tão corado, ele transformou-se num camarão e, em seguida, em dois camarões, sendo um "pistola" e o outro do tipo "sete barbas". Por último, quando estava para se transformar num contato de agência de publicidade, veio o açougueiro da esquina, que fogueou todos os crustáceos presentes e prometeu um ótimo desconto para a sra. Hauber.

Segundo o professor Márcio Pitliuk — autor dos hoje clássicos "Anão, assim" e "Digressão sobre as poeiras marítimas" — o "Caso Hauber" é um dos 10 mais sérios que ocorreram em todo mundo entre as 5 e as 5 horas e 1 minuto daquele dia fatídico. (Pitliuk é um exímio pianista, o qual executa com grande maestria e considera um instrumento facílimo, menos na hora de carregar.) Tal opinião sobre o "Caso Hauber" reforça bastante a verossimilhança do episódio, sobretudo porque Pitliuk já revelou possuir uma "profunda antipatia pelas lagostas", com as quais jamais pôde manter "uma conversação de bom nível". Pitliuk, por sinal, está concluindo um visceral e definitivo estudo sobre a gargalhada típica dos arquitetos, reunindo todos os casos sobre OVNI's que coletou em anos e anos de pesquisa. A noite de autógrafos será semana que vem no próprio asilo.

Almir Feljó, jornalista e publicitário

ROA BASTOS E O DITADOR: Rea

David William Foster

Yo el Supremo, um dos marcos da ficção latino-americana, do escritor paraguaio Roa Bastos, versa a figura lendária do advogado José Gaspar Rodríguez de Francia (1766-1840), que articula a dupla independência do Paraguai em relação à Espanha e à Confederação Argentina. Neste ensaio, escrito com exclusividade pelo professor David W. Foster, da Arizona State University, o leitor descobre qual o Francia que se lê em Roa, e o seu lugar paradoxal na história da emancipação da América de cá.

O tema constante da obra narrativa do escritor Augusto Roa Bastos é a revalorização da cultura paraguaia no seu contexto sócio-histórico. Escrevendo no momento da encruzilhada da história latino-americana, quando se torna possível uma reflexão livre da hipocrisia que caracteriza o liberalismo tradicional do discurso cultural do continente, Roa arrisca uma nova interpretação dos elementos que alicerçam a cultura do seu país, em contraposição aos textos sagrados da historiografia nacional. O risco que assume Roa neste processo de revalorização pode ser visto mais claramente no caso de seu último grande romance, *Yo el Supremo*, publicado em 1974.

O Paraguai foi um dos primeiros países a se tornar independente da Espanha, e dos primeiros a experimentar o que estava destinado a se transformar em dura realidade da experiência latino-americana, a ditadura tirânica. José Gaspar Rodríguez, chamado de "Francia" pelos seus profundos, quando não curiosamente interpretados vínculos com a ilustração francesa⁽¹⁾ reger o destino do Paraguai de 1814 a 1840, fabricando no processo uma identidade, uma consciência mítica paraguaia que impera até o dia de hoje. Sendo uma sombra que se projeta através de toda a história nacional, Francia, como primeiro elemento fundador da nacionalidade paraguaia, converte-se numa sombra que atinge todas as margens da entidade que, obedecendo aos critérios do discurso nacionalista, ele foi dos primeiros a avaliar, se chama "Paraguai". Francia, o ponto de partida *sine qua non* da história paraguaia; Francia, fonte da defesa do caráter guarani do povo paraguaio; Francia, baluarte contra os projetos assimilativos dos vizinhos europeizantes/agentes dos interesses europeus; Francia, protetor de uma ilha autônoma — reduto autonomizado

pela pura vontade ideológica do Supremo — contra as águas inundantes de um liberalismo centrífugo na política e na economia; Francia, presença definidora de uma América Latina condenada, aos poucos anos da "gloriosa" independência dos bárbaros godos, a desaparecer na voragem imperialista da Grã-Bretanha ou da própria França que o Supremo procurava personificar. Em resumo, Francia como o Paraguai, como o próprio centro axial do Paraguai.

Mas, qual Paraguai? A correta recuperação do Paraguai, a acertada resposta à pergunta vem a ser o núcleo do projeto narrativo de Roa Bastos.

Visto como um processo que está chegando a cumprir duzentos anos, como uma tarefa histórica que abrange os dados mais trágicos do ser latino-americano, o Paraguai tem sido condenado ao discurso estrangeiro, seja o discurso formulado pelo estrangeiro ou o discurso aprendido do estrangeiro pelo próprio intelectual paraguaio. Quem dita o texto da história paraguaia? Quem fornece as bases para a definição da experiência coletiva do povo desta nação tão castigada pela tragédia da perseguição, da morte injusta, do exílio de mais da metade da população nacional? Evidentemente, não têm sido os paraguaios, consumidos pela sua tragédia, fustigados pelos acontecimentos fora de seu controle e manejados por centros que o povo nem imagina existirem.

Francia, então, transforma-se, como a sombra inapelável da história paraguaia, na caixa de Pandora a ser aberta pela reinterpretação no sentido paraguaio, pelo impulso de questionar todo o processo de ser Paraguai no momento presente da América Latina.

E isto é o que faz Roa Bastos no seu romance magistral, verdadeira nova história do Paraguai.

Numa primeira leitura do romance, surpreende a possibilidade — a sugestão realmente aterrorizante — de reivindicar a figura de Francia. Como seria possível, se pergunta o leitor (e mais o leitor alheio à cultura latino-americana, seja não-paraguaio latino-americano ou, no caso de quem subscreve estas linhas, seja não-latino-americano), redimir a pessoa, a presença de um ditador que destilava a quintessência da tirania que é motivo da condenação internacional

do histórico ser latino-americano?

Propulsar o nome de Francia, recolher os textos do seu discurso encarcerário, assinar a natureza do Paraguai sob seu nome, não seria reafirmar a hipótese da imprescindibilidade do ditador na sociedade latino-americana, não seria apoiar, direta e abertamente, a lenda negra da América Latina como uma vasta ditadura da qual seria melhor aos países civilizados voltar o rosto?

O leitor impossibilitado de transcender esta interpretação de Francia, fica perplexo ante a ambiguidade do processo histórico do qual Roa procura se libertar no seu discurso narrativo, historicamente reformador.

Sim, Francia foi um ditador. Sim, Francia foi um tirano e, em termos do sofrimento que causou para seus opositores, dos piores. Nas páginas de *Yo el Supremo* encontramos-lo defendendo não somente os mais terríveis métodos de repressão do seu tempo, como também prevendo com entusiasmo a invenção posterior de uma nova tecnologia de tortura e de extermínio (p. ex. Francia fala da notável invenção da *picana eléctrica*, sem dúvida mais um dos produtos de importação que o latino-americano tão prontamente adota para as necessidades da realidade *criolla*...). Francia, falando, "ditando" na sua própria voz o texto que lemos, expressa-se sem constrangimentos sobre seus inimigos, quem são e quais os engenhosos planos que arquitetam contra suas metas e contra o povo paraguaio, do qual ele se considera o único e grande defensor. Este Francia tão implacável é, no fracasso da última instância do seu projeto para proteger o Paraguai contra as forças históricas do momento, uma figura de indubitável dimensão trágica.

Francia perde, como perde toda a América Latina, contra a invasão do capital europeu, principalmente inglês e francês. É impossível resguardar a autonomia do Paraguai ou da América Latina. O inimigo é forte demais, e seus agentes dentro do continente já têm traçado o projeto da submissão, em nome do progresso, em nome da civilização, em nome da ordem, da nova ordem econômica que terá que primar em todo o continente.

O rol da Argentina e do Brasil nesta aventura reformadora é tão inescapável quanto lamentável. É uma

aventura reformadora porque implica a reestruturação da vida latino-americana, a qualquer custo, dentro do sistema econômico (e, portanto, político) do liberalismo internacional liderado por uns dois ou três países europeus. E reformadora também porque significa o extermínio de extensos setores da cultura latino-americana, começando com os indígenas, que nunca poderiam se ajustar à nova dinâmica que imperaria no continente. E é lamentável o rol pelas consequências e os procedimentos desta destruição: supressão das línguas autóctones, aniquilamento da identidade milenar dos grupos que ficariam inevitavelmente marginalizados, perseguição de toda ideologia que contradissesse a nova norma da civilização moderna que seria a base e o pretexto da dinâmica liberal-capitalista.

São estas as questões que Roa explora através da consciência tão convoluta de seu protagonista-narrador em *Yo el Supremo*. Francia se projeta como uma figura indubitavelmente trágica. É trágico porque vê bloqueada sua ambição para o Paraguai (e, por implicação, para a América Latina) nas maquinacões dos seus inimigos, tão implacáveis como ele mesmo. É trágico porque confia numa cultura europeia, a francesa, que inspira sua visão utópica de um reinado do nobre selvagem na América Latina, que ecoa as forças que o destroem. E é trágico porque os principais agentes de sua ruína são irmãos latino-americanos que, vinte anos depois da sua morte, instigarão uma guerra contra o Paraguai, a Guerra da Tríplice Aliança, que deixará o Paraguai reduzido à mais profunda devastação de um povo latino-americano. E, finalmente, é uma figura trágica porque, no decurso da própria história paraguaia, serão os próprios paraguaios, hoje personificados na pessoa do presidente vitalício Alfredo Stroessner, que

valiando a História do Paraguai

continuarão degradando o Paraguai. Francia histórico terá sentido a possibilidade da devastação do seu país, por falta de um impulso de autonomia que, como ele, pudesse proteger contra uma dinâmica histórica implacável. Francia novofascista articula sem rodeios todas as derivações das forças que ele, como simples herói trágico de carne e ossos, foi incapaz de deter. Fragmentado no seu discurso histórico e no seu discurso novofascista em vários níveis de significado, Francia é visto como a síntese do tirano latino-americano — o ditador que assume para ele mesmo todos os mecanismos da vida nacional. Mas é visto também como um redentor trágico do povo paraguaio, uma figura que aceitava um compromisso social e político da identidade nacional, contra as mais nefastas e resolutas maquinações dos interesses do imperialismo internacional, de meados do século passado e suas descendências até o momento atual da América Latina.

Por isso, as dúvidas do leitor incauto são fundamentalmente falsas. Não é lícito se perguntar como é possível um defensor da democracia, da liberdade do povo latino-americano, como Roa Bastos, se interessar pela reivindicação de um protagonista tirânico como Francia. Como todos os termos manejados pelas ideologias históricas e culturais, "tirano", "ditador" são conceitos relativos e suscetíveis de uma interpretação desconstrutivista. Sem glorificar a figura de Francia, como tem feito certa tendência da mitologia paraguaia, cabe perguntar se não será mais tirana a legião de políticos que vendeu o país aos interesses internacionais/multinacionais. Como máximo caudilho da nacionalidade paraguaia, não seria Stroessner muito mais tirânico em seu agonizante processo de devastação dos elementos opostos ao seu regime, cada vez mais unânimes? Sendo o Paraguai uma

nação onde mais da metade da população sofre o exílio e onde, nas palavras do próprio Roa Bastos em seus artigos jornalísticos, o povo que fica dentro das fronteiras geográficas vive desterrado em ilhas do exílio interior, não seria a mitologia de um Paraguai republicano, que renuncia à sombra de Francia, uma das hipocrisias mais patéticas de um continente de floreios mitos hipocríticas? Não é somente uma questão de reivindicar a figura de Francia; o assunto é colocá-lo no devido contexto sócio-histórico do Paraguai, além da interessada historiografia da Argentina soberba, além da mitologia de um Paraguai subscrito ao liberalismo progressista, além dos cantos poéticos que sustentam, geração após geração, a falsa consciência histórica de um país que Roa Bastos, no final do romance *Hijo de hombre*, considera ser um "pueblo tan calumniado de América, que durante siglos ha oscilado sin descanso entre la rebeldía y la opresión, entre el oprobio de sus escarnecedores y la profecía de sus mártires..."

Um destes mártires é o próprio Francia, cujos ossos desapareceram para alimentar a identidade subterrânea do Paraguai. Se Francia está em todas as partes, será como o primeiro ditador do país. Porém, será também como o primeiro defensor de um Paraguai verdadeiramente paraguaio. Seria o ideal finalmente trágico a sua visão utópica de um Paraguai autônomo, mas o leitor de *Yo el Supremo* não pode deixar a leitura desse romance renovar sem se perguntar se, considerando o desastre da história nacional depois da morte do estandarte de uma autêntica consciência popular, não pode ser agora uma utopia realizável no futuro de um Paraguai, como o Paraguai da primeira independência, que procure se libertar da maior tirania das forças que pretendem, uma e outra vez, sufocá-lo definitivamente em nome das ideologias cada dia mais corruptas!

Como exemplo da chamada nova narrativa latino-americana, o romance de Roa Bastos procura evitar as interpretações fáceis e alegóricas da história continental. As maiores falsidades dos discursos que, tiranicamente, têm exercido a prioridade intelectual na América Latina, adocem precisamente desta sorte de aproximação às complexidades da sociedade humana. Ao repudiar o reducionalismo histórico dos grandes tratados do passado que tendiam a ver em Francia somente um continuador da tirania antiliberal e antiprogressista, *Yo el Supremo* reinstala tanto as ambigüidades trágicas da história paraguaia, como substitui as concepções herméticas da historiografia oficial por uma abertura para a possibilidade, agora, de escrever a verdadeira história do Paraguai.

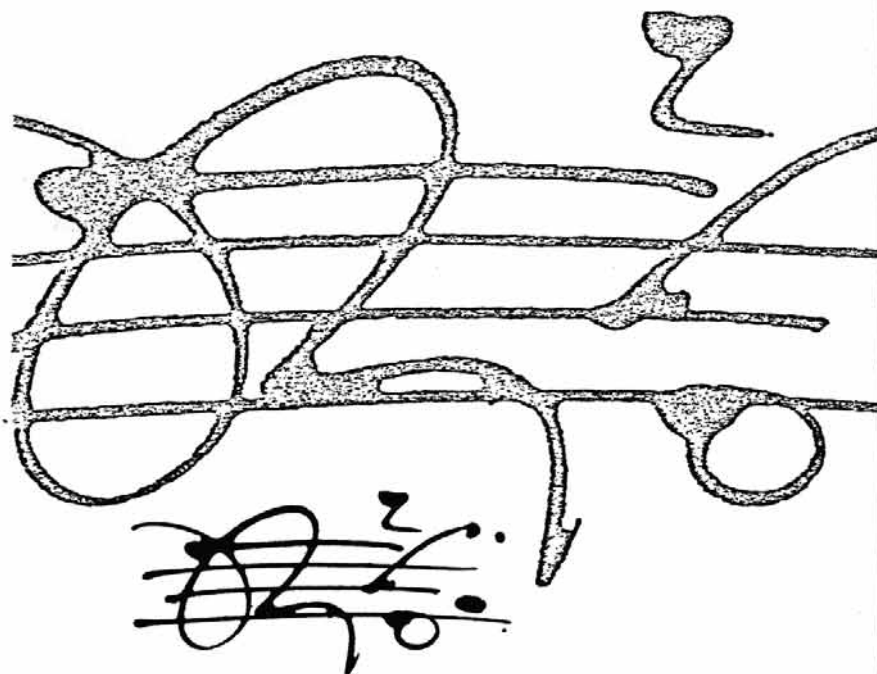
(1) Nota editorial: Não consta que Francia tenha sido assim chamado por "seus profundos (...) vínculos com a ilustração francesa". Antes, era nome de família dos Rodríguez de Francia, como se colhe nas fontes. Assim, John Hoyt Williams, em *The Rise and Fall of Paraguayan Republic, 1800-1870*, editado em 1979 na coleção Latin American Monographs, afirma que "como em tantas outras coisas que se referem ao Dr. Francia, existem muitas dúvidas sobre a sua árvore familiar. Seu pai, García Rodríguez de Francia, português ou brasileiro, emigrou da Capitania do Rio de Janeiro para o Paraguai em 1750. Depois de viver alguns anos do comércio de tabaco, entrou para a milícia em 1758 (...)."

David William Foster é professor de Literatura Hispano-americana na Arizona State University, no estado norte-americano do Arizona. Publicou *The Myth of Paraguay in the Fiction of Augusto Roa Bastos* (North Carolina, Chapel Hill, 1969). *A dictionary of contemporary Brazilian authors* (Tempe, Arizona State U., 1981). Para uma leitura semidica del ensayo latinoamericano: textos representativos (Madrid, José Porrúa Turanzas, 1983) e *Estudios sobre teatro mexicano contemporáneo. Semiótica de la competencia teatral* (Nova York, Peter Lang, 1984).

ORLANDO FRAGA

Com o violão do lado do dedo

Geraldo Leão



Esse instrumento, que já foi considerado coisa de malandro, conhecido por suas enormes dificuldades técnicas e físicas (causadas inclusive pelo pequeno volume de som), acaba tornando difícil também a vida de quem se dedica a ele. O repertório se restringe a transcrições de outros instrumentos ou, na maioria das vezes, de obras de compositores com formação variada que não dominam as características e potencialidades do violão.

Além de tocar violão, na área dita "erudita", escolher um repertório contemporâneo é pedir pra morrer; quem escuta, executa ou compõe música contemporânea?

É por aí que se mede a atuação desse curitibano que, além de se desdobrar para ensinar e divulgar o seu instrumento, ainda me vem com essa de gravar o primeiro disco de música contemporânea do Paraná, somente com autores latino-americanos (minto, tem o Poulenc, mas, tirando o francês, só dá brasileiro, uruguaio e cubano).

Entre os brasileiros este som impressionante ("Do lado do dedo") que o Chico Mello (compositor de Curitiba que mora em Berlim) tirou de um violão que soa como berimbau, viola caipira, escola de samba, instrumentos eletrônicos, e é "só" um violão... Da música, diz Orlando:

"Do lado do dedo" é irmã de "Debaixo do dedo" para contrabaixo solo.

Composta em novembro de 1986, teve sua primeira audição no VII Ciclo de Violão de Curitiba (Teatro Pául), no mesmo ano.

Sua linguagem, extremamente sofisticada, pro-

cura explorar de forma inusitada todos os recursos técnicos do instrumento. Aqui a participação do intérprete é de suma relevância, pois é ele quem vai regular o tempo e a dimensão de cada módulo.

A obra inicia com um acorde com harmônicos, que se repete, efeito inspirado na viola caipira. Percussões atrás e acima do braço, na ponte e sobre as cordas, completam o 1.º módulo. A percussão nas cordas segue num movimento obstinado, quando surgem os ligados de mão direita. A afinação em quartos de tom propicia sutis modulações na altura dos sons. A partir daí temos um crescendo contínuo que culmina num longo arpejo nos graves, cujas acentuações nos revelam os ritmos brasileiros embutidos. É nesta altura que a intervenção nas cordas de uma caneta dividirá o braço em duas regiões distintas e peculiares. Um glissando descendente realizado com a caneta marca o final desse módulo. Chegamos então ao "mais lento", onde um pizzicato alla Bartók em fortíssimo dá início a um improviso de aproximadamente 30 segundos. Uma pequena transição nos levará rapidamente ao final, onde um arpejo da mão direita e ligados na mão esquerda, ainda com a caneta dividindo o braço do violão, nos revelam um efeito novo e surpreendente.

O Chico fez essa música pro Orlando e o dito gravou um disco que acaba sendo o acontecimento mais importante da música "informada" do Paraná, que normalmente só usa a informação para repetir, pela bilionésima vez, acordes de Beethoven, que deve se acordar no tábulo com a mesmice, ele que quando era vivo vivia compondo coisa nova pra não ficar sempre tocando na mesma tecla.



MÚSICA

Orlando Fraga nasceu em Curitiba em 1956. Com o professor Miguel Couto iniciou-se no violão, seguindo seus estudos com Jaime M. Zeamon, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde, em 1979, concluiu o Curso Fundamental. Em 1980 radicou-se em Montevideu (Uruguai), ingressando no Conservatório Universitário de Música. Em 1982 classificou-se em 2.º lugar no Curso das Juventudes Musicais Uruguayas, além de ganhar o 1.º lugar no Concurso do Centro Guitarrístico Uruguayo, o que lhe valeu uma série de recitais em Montevideu.

Além dessa formação, Orlando já esteve sob a orientação dos mais conceituados professores, entre eles Henrique Pinto (SP), Léo Soares (RJ), Alvaro Pierri (Uruguai), Abel Carlevaro (Uruguai), Miguel Ángel Girollet (Argentina), Graciela Pomponio (Argentina), Eduardo Fernández (Uruguai), Henrique Belloc (Argentina), H. J. Koellreuter (Alemanha) e Osvaldo Colarusso (Brasil).

Voltando ao Brasil em 1982, assume a cadeira de violão do Curso Superior de Instrumento da EMBAP, onde divide sua atividade docente com recitais e coordenação de eventos. Realizou o 1.º Seminário Internacional de Violão de Curitiba, os já tradicionais Ciclos de Violão de Curitiba (que estão em sua 8.ª edição), o Festival de Música Contemporânea (com Chico Mello), o Seminário de Violão da EMPAR (3.ª edição) e o Festival de Violão (FCC).

Como professor participou de eventos como Projeto Paraná Canta, Projeto Música Erudita no Interior, Projeto Música nas Escolas, VII Festival de Música de Londrina (SEEC) e Oficina de Música de Curitiba (FCC).

Em 1987 amplia suas atividades, com a publicação de revisões e transcrições de partituras (Ilha Edições, de Curitiba).

MÚSICA

LADO A

FRANCIS POULENC:

Sarabande (1960) (2:58)

ABEL CARLEVARO:

Prelúdios americanos n.º 4 "Ronda" (2:07)

Ed.: Barry & Editorial

MARLOS NOBRE:

Momentos I (1974) (5:48)

Ed.: Max Eschig

LEO BROUWER:

Elogio de la danza (1969) (5:40)

Lento — Obstinado

Ed.: Schott-Mainz

LADO B

ALMEIDA PRADO:

Livro para seis cordas (1974) (8:42)

Discurso

Meditação

Memória

Ed.: Max Eschig

CHICO MELLO:

Do lado do dedo (1986) (10:33)

Produção executiva: Skylab

Gravação e mixagem: Leozi Zilli

Capa: Geraldo Leão

Gravado em fevereiro de 1987 nos estúdios SKYLAB - Laboratório de Som e Imagem.

*Da flama que se instaure em popa e proa
a fuga é o mar e a fuga é logo a chaga
da Artilharia, que ateia a vaga,
da inimiga nau que vem de Goa.*

*§ Equar dois fogos, viz, equar duas águas:
ou voga um na gávea que soçobra
ou vaga um na dobra dessas vagas.*

*§ Viagem só de ir, sem outro cais:
flama que voga à vaga,
fogos que à vaga faz.*

*A burnt ship
John Donne
Jaques Mario Brand
Águas ardentes*

*Out of a fired ship which by no way
but drowning could be rescued from the flame
some men leapt forth and ever as they came
near the foes' ship did by their shot decay.*

*So all were lost which in the ship were found:
they in the sea being burnt,
they in the burnt ship drowned.*



LIÇÕES PARA NÃO ESQUECER

Luiz Pinguelli Rosa

É preciso analisar criteriosamente o que aconteceu em Goiânia, a fim de extrair lições e agir para que coisas como essas não se repitam. Pondo um pouco de ordem na discussão aberta pelo episódio, há que considerar e esclarecer os seguintes pontos: 1. o que foi o acidente e quais as suas consequências para a população; 2. as medidas de socorro tomadas face à emergência e sua eficiência; 3. as causas do acidente e a falha das ações preventivas capazes de evitá-lo; 4. a necessidade de mudanças, em nível técnico e institucional, para diminuir a probabilidade de que ocorram no país acidentes análogos ou piores.

Um equipamento para radioterapia, pertencente a uma instituição hospitalar privada, foi deixado em desuso, em recinto fechado, num prédio abandonado e sem qualquer vigilância efetiva. Nele havia uma cápsula de isótopo radioativo césio 137, protegida por um espesso invólucro metálico.

O césio 137 é um isótopo instável. Ao desintegrar-se, emite raios gama — ondas eletromagnéticas penetrantes — e partículas beta — que nada mais são que elétrons ou pósitrons (antipartículas de elétron, que o aniquila). O césio 137 não é comumente encontrado na natureza; é um fragmento da fissão do urânio nos reatores. O tempo durante o qual uma quantidade de césio 137 permanece intensamente radioativa é avaliado pela sua vida média, que é de 30 anos.

Roubada e vendida a um ferro-velho, a peça contendo césio 137 foi rompida. Assim espalhou-se o césio 137, atingindo muitas pessoas, por radiação externa, por contato com a pele, por inalação e por ingestão. No organismo, o césio é metabolizado juntamente com o potássio e concentra-se em alguns tecidos, irradiando o corpo internamente. Sua permanência no organismo é de alguns meses, reduzindo-se progressivamente pela eliminação natural.

Os efeitos da radiação nas células vivas são destrutivos, provocando desde queimaduras na pele até a indução do câncer e a chamada doença da radiação, dependendo da intensidade. Para levar em conta os efeitos biológicos, que variam conforme a absorção da energia da radiação pela matéria, utiliza-se como unidade de medida o REM

O desconforto e a perplexidade que se alastraram de Goiânia para toda a sociedade brasileira ainda estão no ar.

Tristíssima fábula de nosso desenvolvimento *torço*, o acidente se desdobra no tempo, a partir da quarta-feira, 23 de setembro de 1987, data da revelação do césio, e não tem data para terminar, até porque suas lições, delineadas na matéria do físico Rosa, transcrita do Caderno Especial do *Jornal do Brasil* (11.10.87), estão por serem aprendidas.

Os fatos em si são terrivelmente singelos.

Catadores de lixo encontram nas ruínas do Instituto Goiano de Radioterapia o cabeçote de chumbo de 120 quilos de um aparelho de aplicações radiológicas, contendo diminuta cápsula de césio 137.

A marretadas, no ferro-velho Auto Mecânica, à Rua 57, seus novos donos rebentam essa peça, acham a cápsula e expõem seu conteúdo, que brilha como ouro. Fascinados, distribuem entre si a substância radioativa, dão dela às crianças, passam-na pelo corpo, vêem-na brilhar no escuro, circulam com ela pelas ruas de Goiânia. E começam a passar mal, muito mal.

Lado a lado com o parecer de Luiz Pinguelli Rosa, publicamos o poema e manifesto de José Carlos Capinan. O poeta da Tropicália, parceiro dos grandes nomes da música popular do Brasil, letrista de *Gothan City*, *Soy Loco por Ti, América* e tantos outros marcos da MPB, também se detém na busca das lições da tragédia.

Nicolau quer lembrar, com as vozes de advertência do cientista e do poeta, a menina Leide das Neves Ferreira, 6 anos, filha de Deivar, o dono do ferro-velho que comprou a massa plúmbea pensando fazer bom negócio. Das primeiras vítimas de uma longa lista, ela estava no mais central dos círculos de inocência, ingenuidade, desinformação, inexperience, carências e abandonos que se desenham em torno da bomba de césio.

Pobre menina pobre, representou sem querer toda a infância-ao-relento do Brasil, orfã da ciência desprezada deste país, sacrificada pelas negligências administrativas que *azaram* a vida da gente.

(*radiation dose equivalent man*). Para doses sobre todo o corpo, de 25 a 100 REM, observam-se alterações no sangue; entre 100 e 200 REM registram-se sintomas como vômito e fadiga, mas são praticamente totais as possibilidades de recuperação; entre 200 e 600 REM, além dos vômitos, ocorrem perdas de cabelos, e diminui a percentagem de recuperação; acima de 600 REM, além dos sintomas acima, surgem hemorragias, e o percentual de casos fatais é muito alto. Para doses muito elevadas há também queimaduras. Nas doses menores podem não ocorrer sintomas, mas há um incremento da possibilidade de ocorrência de câncer ao longo de um período de alguns anos.

Infelizmente, este pode vir a ser o maior acidente radioativo do mundo em número de vítimas com efeitos imediatos graves não ocupacionais; ou seja, as vítimas não trabalhavam na área nuclear. O acidente de Chernobyl, sem dúvida pior, atingiu maior número de pessoas, mas em grande parte os efeitos serão retardados, revelando-se pela maior incidência do câncer, em muitos

anos, na população atingida.

Os casos agudos, em Chernobyl, envolveram basicamente pessoas que trabalhavam no reator ou que foram prestar socorro. Já houve acidentes com radiação em outros países, quase sempre atingindo profissionais, e em número pequeno, caracterizando casos individuais. Em Goiânia os efeitos alcançaram uma coletividade. Isso revela cruentamente o subdesenvolvimento do país em sua convivência com projetos de tecnologia avançada. Nesse sentido, Goiânia está menos próxima do caso de Chernobyl do que dos casos de contaminação dos bancos de sangue pela Aids por falta de controle sanitário, de infecção hospitalar, dos acidentes provocados pela desordem social, pela omissão das autoridades, pela incompetência, pela má alocação dos recursos públicos e privados.

Houve casos de doses altas, de centenas de REM, em algumas das vítimas mais graves de Goiânia, atendidas e trazidas para o Hospital Marclio Dias. O tratamento mais direto consiste em apressar a eliminação do césio 137 do organismo, pela ingestão de remé-

dios específicos. Em casos menos graves, de contato externo sem ingestão e inalação, fazem-se lavagens com produtos apropriados.

Conforme relatório da Sociedade Brasileira de Física (SBF), cujos pontos principais são destacados a seguir, as medidas que estão sendo tomadas frente à emergência ocorrida são as possíveis e vão no sentido correto, detectando os vestígios da radioatividade, isolando locais atingidos e materiais contaminados, procurando as pessoas atingidas, submetendo-se aos cuidados médicos para eliminação do césio 137 em condições apropriadas de atendimento, removendo as vítimas mais graves para o Hospital Marclio Dias equipado para esse fim e, finalmente, recorrendo à ajuda internacional para salvar vidas. Em face da gravidade da situação a que foram expostas diversas pessoas, é fundamental estimular todos os que possam ter sido contaminados com o césio 137 a procurarem as autoridades e seguirem rigorosamente a orientação dos técnicos do CNEN em ação no local, pois com medidas adequadas é possível reduzir substancialmente os riscos.

Quanto às ações preventivas que cabiam aos detentores do equipamento e à CNEN como órgão fiscalizador, houve falhas gritantes. Isto é alarmante, pois há fontes radioativas intensas e milhares de pequenas fontes em uso em laboratórios, empresas, hospitais, universidades, que devem ser fiscalizadas. Não se pode admitir que o equipamento fosse deixado tão exposto pelos seus donos e que nenhuma fiscalização verificasse isso, como observa o citado relatório da SBF.

É fundamental a apuração da responsabilidade pelo abandono do equipamento em local sem vigilância e, ao mesmo tempo, fazer uma revisão em profundidade do sistema de proteção radiológica nacional a cargo da CNEN. Esta se revelou desaparelhada para cumprir tal missão, no tocante à organização, aos meios materiais e ao número de pessoas na fiscalização e orientação para proteção contra a radioatividade.

A lição maior que se tira desse acidente é a de que são necessárias mudanças. A proposta da SBF é a seguinte:

A. É fundamental que o Governo Federal e o Congresso levem em

RUA 57

CAPINAN

I
Sem escola, sem pão, sem universidade
nenhuma nação alcança a liberdade de produzir
sua própria paz atômica
paz nuclear
na esquina da rua 57
foi servido um cálice de fel em nome da felicidade

II
Quem sequer sabe o que é Nação.
Quem sequer é cidadão.
Como pode saber da poderosa energia de um átomo
Não sabe o que é fissão nuclear,
Não sabe o que é radiação.
Não sabe o que é a bomba,
Não sabe o que é Hiroshima
Não sabe o que é Nagasaki
(E, talvez, quem sabe, nunca saiba o dia de sua própria revolução)

III
E quem não sabe beneficiar-se da energia nuclear
não merece o desastre da rua 57.
Ainda somos crianças que experimentam pastilhas radioativas
como se fossem pastilhas de hortelã.

IV
Sem hoje e sem ontem,
ninguém chega ao amanhã.
Desde o começo miangas,
espelho em troca de ouro
e no espelho a nossa imagem
sempre de tanga.

V
Encharcados de benzeno
bebendo gasolina
cheirando o pó da China
somos bonzós do Capital.

VI
Como dormir em paz
Se o truque não mais engana?
Ai Goiás, Ai Goiânia
de repente cai o ás da manga.

VII
A imensidão celeste
assiste meu coração dobrar solitariamente
a esquina da rua 57
não sei o nome da angústia
(cada angústia é angústia diferente)
Sequer sei o nome de quem nos chama ou de quem geme.
Sequer sei o ardor da radiação calcinando a nossa pele.
Em qualquer lugar do mundo sou um triste cidadão
que atravessa solitário e inconsciente
a radioativa rua 57.

VIII
Nem flores nos braços
Nem tambores
Nem flautas pastorais.
A humanidade inteira faz falta na esquina da rua 57.
São os funerais de uma nova peste,
a indústria do jamais.

IX
Esquece, por favor, esquece
Põe o teu carro na garagem.
Põe o teu canal de audiência.
Pede o teu whisky, tua soda limonada.
Ouve a clara explicação da ciência
ante a obscura dor da poesia.
Esquece, por favor, esquece.
Se a consciência te ardia,
põe na garganta a fresca propaganda da pastilha valda.

X
Debalde estendo ao transeunte um apelo a que me abrace
ou apenas simbolicamente e me estenda um cálice.
É fel.
A felicidade está soterrada num caixão de chumbo
onde também está enterrado teu coração.
Ele ficou parado.
Mas a pastilha estará para sempre inseputa,
ela não cessa, e será sempre assim
ela insulta brilhantemente a pobre nação
que jamais escuta a oswaldiana pergunta
tupi or not tupi.

XI
Odeia e nunca o deixe
ser o perverso Brasil das caixas negras.
Ame-o e deixe que ele seja
o país que inventa a sua própria energia
e com sua própria cerveja se embriaga e mata a
imensa sede de ignorância e sabedoria.

XII
Como disseram aqueles imundos hippies da década
de setenta,
inventa um novo mundo de amor e paz
agora e sempre ou nunca jamais.

XIII
Expulsa de teu coração
o que nele pulsa
como um contador geiger.
É tempo de compaixão.

conta as recomendações da SBPC, da Sociedade Brasileira de Física e de duas comissões que trataram da questão nuclear com a participação de autoridades, cientistas e técnicos, formadas por determinação do próprio presidente da República no âmbito do Ministério de Minas e Energia.

B. Entre essas recomendações, destaca-se a separação da função de regulamentação e fiscalização das instalações nucleares daquela de desenvolvimento de tecnologia nuclear, presentemente acumuladas pela CNEN.

C. Outra recomendação não considerada até agora é a de democratizar e descentralizar os órgãos ligados à segurança contra a radiação nuclear, como o Sistema de Proteção ao Programa Nuclear e a própria CNEN, cujas estruturas permanecem as mesmas do período autoritário, ambas subordinadas ao Conselho de Segurança Nacional/Casa Militar.

O uso da energia nuclear para fins pacíficos traz o perigo inerente a essa tecnologia, a radioatividade, que em doses excessivas é danosa aos seres vivos, exigindo cuidados especiais, a começar pela educação e pela conscientização desses riscos e dos procedimentos para minimizá-los. O papel da comunidade científica é o de procurar a opinião pública e alertar o governo sem escamotear informações.

Apurar responsabilidade não significa a Polícia Federal procurar quem roubou, quem foi o receptor, quem desmantelou a peça e espalhou o célio 137. A maioria desses, ou todos, são vítimas da radiação e será ridículo apurar que os responsáveis estão no hospital em estado grave. A não ser que se busque descobrir se algum deles não procurou socorro médico, para então socorrê-lo.

A questão é quem mandou deixar o aparelho naquele local sem vigia, quem tomou conhecimento disso e se omitiu quando se conheceu o roubo da peça e quanto tempo decorreu para dar o alarme geral, etc... Aí vai surgir gente importante, e não pobres que pegam ferro-velho abandonado para vender e sobreviver.

Luiz Pinguelli Rosa é físico da COPPE e autor do livro *A política nuclear*, da Editora Jorge Zahar, e co-autor de *O armamentismo no Brasil*, da Editora Brasiliense.

José Carlos Capinan nasceu em 19 de fevereiro de 1941 no distrito de Pedras, município de Entre Rios, na Bahia. Formado em Medicina, cursou também Direito até o quarto ano. Foi dos principais articuladores do Movimento Tropicalista, com Caetano, Gil, Torquato, Tom Zé e outros. Letrista e compositor, tem parcerias com Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Geraldo Azevedo, Edu Lobo e João Bosco, em músicas como *Gotham City*, *Pantaleão*, *Papel Marchê*, *Soy Loco por Ti, América*. Atualmente, preside o Fórum Nacional de Secretários da Cultura.

QUALQUER DIA



Foi bom o senhor ter vindo. Estava só esperando. Sente, doutor, quero lhe contar tudo. Não suporto guardar segredos.

Preciso desabafar, doutor. O velho Lico é um bandido, polaco safado, ruim como ele só. Parece que vai morrer mas não morre. Ele tira partido do fôlego curto para maltratar dona Diva.

Cada vez mais velhinha ela está. Pequena, arcada, até bordados deixou de fazer — seus olhos já não prestam, cansados. A vida dela é cuidar do polaco, que não dorme por falta de ar. Não dorme e não deixa a mulher em paz. Espera que ela lhe dê banho de assento, que lhe sirva chá com pão d'água. De medo que a bebida entorne, dona Diva propõe um auxílio. O bandido não admite, áspero. *Então não sei pegar numa xícara?* E derrama chá no pires, emporcalha a colcha, o pijama. Limpa a boca na fronha. Tudo de tensão feita, só para gozar do jeito dela, que arruma as coisas na maior paciência, suave como bailarina de realejo, corda na bundinha.

Já viu a postura dela? Velhinha, velhinha. Tão pequena! Qualquer dia amanhece morta, bandeja espalhada no chão, enquanto o polaco, sentado na cama, aos berros, pede que lhe tragam mel.

O diabo do polaco gosta de se fazer de mártir. Outro dia recebeu a visita do seleiro, a quem não via há mais de ano. Nem bem o homem saiu, ele começou a se lamentar. *Acho que estou muito doente. O seleiro veio me visitar, ele que nunca aparece. Mau sinal.* Inventador, diz que vai fazer 72 daqui um mês. Grande mentira. Está beirando 81.

Preciso desabafar, doutor. Nem lhe conto o que o bandido apronta de madrugada. Sabendo que dona Diva dormiu de cansada, porque não tinha mais ânimo, ele levanta. Vai à cozinha. Abre a geladeira. Põe os olhos no jarro d'água. Volta pra cama. Vê a mulher dormindo que nem anjo. Daí se ajeita de novo nas cobertas. Ar de vítima, deixa sair o nome dela — antes derrama o copo no chão. *Diva! Diva! Está me ouvindo?* Ela logo acorda. *O que é que você quer, Lico?* Ensaída, a resposta vem na hora: *Quero água, o copo eu derramei.* Se diverte, o filho da mãe. Avista a pobre levantando. Controla seus passos. Ouve o barulhinho que faz quando mexe na geladeira. Então ela chega perto da cama. Traz um paninho para enxugar o soalho. *Está aqui a tua água, Lico, bem fresquinha. Agora durma que eu vou apagar a luz.* Bota os óculos no chão. Finge que apaga a luz.

Ele fica quieto, maior silêncio. No quarto só o chio de gato velho. Espera que a mulher durma outra vez. Espera meia hora, se for preciso. Quando vê que a pobrezinha está de novo entregue, na boquinha o ar doce de quem conta história, o safado tira da cachola uma desculpa idiota para espertar a bruxinha que cuida dele. *Diva! Diva! Não está me ouvindo?* Ela abre um olho só. A testinha parece um mapa de tanta ruga. *O que é agora, Lico? O urinol está embaixo da cama, só pegar.* O infeliz nem sabe responder direito. Um malcriado. *Não é o urinol, sua burra! No retrato antigo da banda... que nós vimos ontem à tarde... quero saber... quem é o músico que está do meu lado... na ponta?* Ela reclama que não carecia fazer barulho, altas horas, por tão pouco. E explica: *O homem do retrato é o finado Delfino. Então você não se lembra?* O miserável diz *me lembro, sim, mas amanhã posso esquecer.* Ela retruca, meiga: *Se você esquecer, eu te conto.* Sentado na cama, asmento, o polaco ordena: *Quero que você escreva, não confio na tua memória.* Arrastando o chinelinho, dona Diva vai abrir a gaveta. Tira o caderno. Lápis na mão, letreirinha redonda, caprichada, faz o que ele quer. *Já escrevi, Lico. Posso ler?* E lê: *O homem que está na ponta do retrato, lado direito, é o finado Delfino. Ele tem uma clarineta na mão.*

Preciso desabafar, doutor. Acha que eu exagerei? Acha? Pois o mais triste o senhor vai ouvir agora. Sinto enjôo só de pensar. Quase amanhecendo, dona Diva dorme de verdade. Sonha com a procissão de *Corpus Christi*, numa manhã de inverno, céu azul, ar lavado. O aroma de incenso entra no seu narizinho de boneca. O polaco bandido levanta outra vez. Bem quieto, pé por pé, anda até a porta do banheiro. Tira a calça. Preciso dizer mais? Faz cocô no chão! Só de ruído. Depois vai bater no ombro dela. Avisa que não teve tempo de alcançar o banheiro. A pobrezinha amanhece juntando aquelas coisas. Lava e esfrega o soalho com água e soda cáustica, o escovão maior que ela.

Qualquer dia eu esgoelo esse polaco. Ninguém vai descobrir.

Francisco Brito de Lacerda é autor de *Cerco da Lapa do Coração* (Livraria, SECE, 1985), *Alcapada das Almas* (Livraria, Litero-Técnica, 1985) e *Três Mulheres* (Livraria, SECE, 1986).

Ilustração: Rui Marinho

O DESPERTAR DOS JOAQUINS

Memória é uma energia extraordinária. Tem o condão de manter presente o vivido, o experienciado, o lutado, o sofrido. A memória aligeira o processo histórico do indivíduo — enquanto indivíduo —, e do povo — enquanto povo.

Não sei o porquê, nem o quando, nem o onde, nem o como, nem o quem. Mas nosso Paraná tem se esmerado em possuir uma memória que nega sua memória. Coisa de país subdesenvolvido. Marketing de outros estados-membros (ditos "nobres"). Comodismo paranaense. Reações alquímicas de nossas etnias colonizadas, talvez.

Só sei que nos puseram essa vergonha. E precisamos rompê-la.

Com essa preocupação em romper a vergonha de negar o passado, e resgatar a memória da literatura paranaense, Marilda Binder Samways — professora, pesquisadora, filha desta terra, de Apiaíba, município de Imbituva — se atreveu a escavar as areias do preconceito que escondem os valores do passado.

Produto de um trabalho de pesquisa, "JOAQUIM — projeto para uma compreensão da literatura paranaense" foi o tema de sua tese de mestrado, defendida em 1980. A partir de uma investigação mais intensa sobre a revista *Joaquim* — dirigida por Dalton Trevisan, Erasmo Piloto e Antônio Walger —, propôs uma nova divisão no processo histórico da literatura paranaense: 1ª fase, *precursores e pioneiros* (1853-1895), onde aparecem Fernando Amaro de Miranda, Júlia da Costa, Emílio de Menezes e outros; 2ª fase, *geração dos simbolistas* (1895-1898), Emiliano Perneta, Dario Vellozo, Nestor de Castro; *dos novos* (1898-1913), Euclides Bandeira, Rodrigo Júnior, Heitor Stockler; *dos novíssimos* (1913-1922), Andrade Muricy, Tasso da Silveira; 3ª fase, *modernistas-futuristas* (1922-1926), Correia Júnior, Alceu Chichorro, Walfrido Piloto; *novos* (1926-1939), Jurandir Manfredini, Sá Barreto; 4ª fase, *Rodrigo Júnior* (1939-1945); 5ª fase, *Joaquim* (1946-1949); 6ª fase, *moderníssimos* (1946 em diante).

Sempre ligada à sala de aula, a profª Marilda transformou seu trabalho em livro dedicado aos alunos (principalmente os de 2º grau): *Introdução à história da literatura paranaense*, publicado pela Editora HDV. Um livro que prepara outras obras, um livro que noticia eventos como as revistas *O Cenáculo*, *Electra*, *Joaquim*, o jornal *Tinguí*; narra fatos sobre os escritores paranaenses, cuja existência vocês nem imaginavam; reproduz textos de jovens estudantes (feitos num tempo em que discursos estudantis tinham o respeito do público); revela kolodys, trevisans, pilotos, barretos, e outros. Enfim, revela toda uma história importante, forte e criativa da literatura no Paraná.

Resgata a memória da *prata da casa* para uma gente desmemoriada — que não sabe nem quem foi Maria Polenta.

JOEL SAMWAYS NETO

SRS: 3x4 ASCÉTICO

Osso e músculo; gordura nenhuma. Para poesia assim vale o adjetivo ascética. É poesia nascida no fértil deserto das mortificações e da alucinante descarnadura do espírito.

Com obstinação demoníaca, Sérgio Rubens Sossella atirou-se à conquista da expressão mais densa de sentido e mais curta em versos, linhas, palavras. Cada poema é cutilada, golpe certo no alvo, revólver disparando sobre feridas metafísicas. Onírico *cowboy*, não perde tempo. Nada do que diz é bonito ou cosmético. Sempre indaga pelo ser. E o processo de indagação é violento. Galga os precipícios da infância e rola pelos planaltos do homem adulto, levantando a ténue poeira intemporal de todas as idades, com a presa nos dentes: outro vampiro curitibano, arfando paranas afora (ontem Assis, hoje Paranaíba). Sua matéria de poesia é tudo. Deglute suas circunstâncias — algumas só dele, outras de todos nós — e sossellianamente metaboliza textos e contextos. De chofre pula do século XX e seus tormentos à biblioteca de Alexandria (ectoplásmica cine-projeção reversa), cometendo outros desafios às dimensões do tempo, consciente de que também a História está em nós (infelizmente tanta gente crê só que nós estamos na História).

Do alto de sua incorruptível fidelidade poética de tantos anos (e tantos/tantos livrinhos, livros, pré-livros e pós-livros, fecundando gráficas paranas afora) é como São Simeão Estilita no alto da coluna de pedra, prodígio da Tebaida. Em suma: inabalável ascetismo (que é sobretudo exercício do espírito), resistência heróica às tentações do beletrismo, da demagogia político-ideológica, dos brilhantes fúteis do pseudovanguardismo. Como o santo asceta que voltou as costas ao césar-papismo embrionário e mandou-se pro deserto, muito além de Alexandria, Sossella deu uma banana pra vida adiposa e mandou-se para o território do seu Eu, tão grande que ultrapassa a Província que o pariu e transcende todas as províncias, pois essa poesia não é pequena. Essa poesia proclama a condição humana (e a altura do homem é a maior altitude poética).

HÉLIO DE FREITAS PUGLIELLI

OS LONGOS CAMINHOS DA SEDUÇÃO

Kuttanimatam: conselhos de uma cafetina, *sendas da sedução*. Por um longo e tortuoso caminho, a literatura erótica sânscrita (no Brasil praticamente restrita ao *Kama Sutra*) aporta novamente em terras cristãs, com toda sua carga de especiais especiarias.

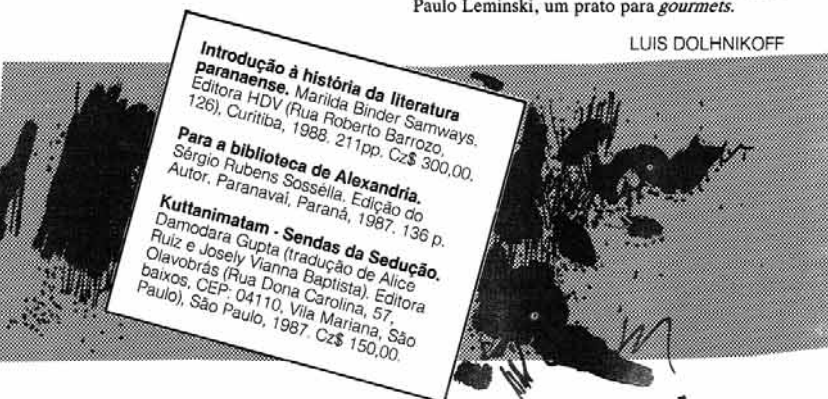
Do séc. VIII, quando Damodara Gupta o escreveu e, mais remotamente, da tradição hindu de onde ele partiu, passando pelas raras traduções ocidentais (uma delas, *Los Consejos de la Celestina*, do estudioso peruano Fernando Tola, serviu de base para a presente versão), até o final de mais um milênio ocidental, a sedução suave da arte do amor hindu nos chega intacta. Mais do que intacta, tálil. Pelas mãos de duas tradutoras brasileiras, Alice Ruiz e Josely Vianna Baptista, a fala arcaica e clara das damas hindus do amor será ouvida mais uma vez.

Do longo poema narrativo original, as autoras desta tradução, agora lançada pela Editora Olavobrás de São Paulo, selecionaram quatro trechos que, juntos, soam com toda materialidade de uma visão: A beleza de Malati vista por Vikarala, "malícias, minúcias e insinuações sutis" na descrição de uma mulher; A captura de Chintamani, "as manhas e artimanhas" da sedução; A Cafetina e a Mulher Alheia, os conselhos de uma cafetina a uma mulher casada; e Sundarasa e Vikarala, o amor de um brâmane e uma prostituta.

Passando ao largo da estreiteza e estreitamento em que a literatura erótica ocidental viu-se confinada, durante séculos, pela pequena alcova da moral cristã, o Oriente, e sua literatura, sempre soberbamente de que lado nasce o sol.

Com este *Kuttanimatam* em português, chegam também a poesia e a estética de Antônio Botto (que, no Portugal do começo do século, teve apreendidas suas *Canções* onde o corpo masculino recupera toda sua beleza helênica), na antologia *Bagos de Prata*, os *Poemas* de Samuel Beckett, pela primeira vez no Brasil, *Eu Não*, também de Beckett, pequeno monólogo teatral de sua entrópica produção atual (em traduções do poeta Luiz Roberto Benati), e os *Hai-Kais* de Issa, em tradução da poeta Alice Ruiz. Todos da Coleção Obras, da mesma editora. Como diria Paulo Leminski, um prato para *gourmets*.

LUIS DOLNHIKOFF



CARTAS NA PÁGINA

Levamos ao seu conhecimento que, lendo a *Folha de Londrina*, encontramos o encarte de *Nicolau* n.º 6, editado por essa Secretaria de Cultura, com ricas reportagens e artigos sobre a história da cultura do Paraná e do Brasil. O número em questão, bem como os anteriores, passará a integrar a biblioteca de nosso Departamento de Relações Públicas, especialmente para pesquisa das futuras gerações. Geey Fonseca. (Associação Comercial e Industrial de Bela Vista do Paraíso). Bela Vista do Paraíso — PR.

Sendo leitor assíduo da *Gazeta do Povo*, desde o primeiro encarte de *Nicolau*, fiquei entusiasmado. Contente em saber que nosso Estado está à frente de muitos, culturalmente, parabéns a todos os integrantes dessa redação, pois não poderiam ter mais brilhante iniciativa. Aproveito para sugerir que o jornal publicasse textos sobre Metafísica, Khalil Gibran, Isaac Aizimov, além de temas ligados à Constituição, Violência, Aborto, AIDS, Esquadrão da Morte, Feminismo, etc. Cândido Antonio Dembiski. Curitiba — PR.

Devorei, como um brasileiro sedento de novidades, *Nicolau* n.º 6. Trata-se de um magnífico encarte da cultura paranaense. Valorização merecida dos homens das terras das araucárias. Parabéns à nossa Secretaria de Estado da Cultura e a toda a equipe dessa tablóide. Em tempo: muito boa a matéria "Os Rapazes de 40 e suas revistas", de Cassiana Lacerda Caroll. Fabiano Vicente Venete Elias. Curitiba — PR.

Parabéns pelo *Nicolau* n.º 6, com capa de Elifas Andreato. O tablóide revela, sem dúvida alguma, a capacidade de empreendimento do Governo Alvaro Dias em prol da cultura. Sua qualidade e liberdade editorial o tornam um dos maiores órgãos de divulgação da cultura e do movimento literário nacional. Edir Fauth. Cascavel — PR.

Nós da Rádio Internacional de Quedas do Iguaçu formulamos votos de êxito sempre crescente, em 1988, ao *Nicolau*. É preciso continuar nesta mesma linha de atuação — divulgando a nossa cultura e cultivando a tradição do nosso rio Paraná. Parabéns pela iniciativa. Eloy Giraldi (Diretor-Gerente). Quedas do Iguaçu — PR.

Sou assinante do jornal *Diário da Manhã* no qual veio anexo o *Nicolau* n.º 6. Gostamos muito (tanto eu quanto minha esposa) das matérias "Nós do Noroeste", de Emir Mancia, bem como da entrevista com Newton Freire-Maia "Queda de braço com o Absoluto", feita por Telma Serur, entre outros artigos e excelentes matérias. David Pereira Cruz. Ponta Grossa — PR.

Embora eu tenha nascido gaúcho, sou paranaense de coração. Por isso é que não posso deixar de manifestar a minha satisfação pelo *Nicolau*, sobretudo o n.º 6, com capa de Elifas Andreato. Finalmente o Paraná passa a ter um real veículo para resgatar, sustentar e divulgar a sua cultura. O meu sincero desejo é o de que, ao contrário do que já tanto ocorreu com publicações similares pelo Brasil afora, *Nicolau* se perpetue infinitamente... Dieter Joel Jagnow. São José dos Pinhais — PR.

Recebi o *Nicolau* n.º 6 encartado na *Folha de Londrina*. Estou apreciando muitíssimo a publicação. Parabéns. Ismael de Souza Régio. Cruzeiro do Oeste — PR.



Espero que o trabalho de vocês, com *Nicolau*, seja como a estrela lançada pelo estilingue do menino do (magnífico) desenho de Elifas Andreato, capa do número 6, isto é, que continue a brilhar sempre! Marilze dos Santos Brito. Curitiba — PR.

Por vir dos bastidores oficiais, receei que *Nicolau* viesse a se caracterizar por "presepismos", "panelinhas", narcisismos e quase sempre os mesmos medalhões. Embora correndo o risco de tais "imposturas", estas não marcam os 6 números de 1987: variadíssimos em conteúdo, autores e regiões do Estado representadas. Que vocês continuem assim. Transcedental a entrevista de duas ricas páginas com um cientista da grandeza de Newton Freire-Maia. Em teu seio ó Libertade! Elmar Jonck. Curitiba — PR.

Recebi o último *Nicolau*, um primor de jornal de cultura que faz jus aos bons trabalhos do gênero nascidos no Estado do Paraná, como por exemplo, *A Raposa*. Registro também minha satisfação e passo meus parabéns ao Wilson Bueno pelo belo e competente trabalho. Uma sugestão: que tal uma matéria sobre Miguel Bakun, um dos maiores artistas plásticos do Brasil? José Salles Netto. Brasília — DF.

Nicolau foi paixão à primeira vista. Os meus melhores votos de sucesso a esta iniciativa sem igual na história das publicações culturais brasileiras. Parabéns. Lori Santos. Francisco Beltrão — PR.

Congratulo-me com todos os que contribuem para a vida desse precioso veículo cultural, enquanto torço para que os demais Estados da Federação sigam o exemplo de Curitiba. Aqui no Pará, apesar do governador ser um acadêmico, permitiu que fosse extinto o nosso suplemento cultural que chegou a ser o melhor do Brasil. Parabéns ao *Nicolau*. Rufino Almeida. Belém — PA.

Chegou às minhas mãos, por acaso, o excelente exemplar de *Nicolau*, publicado por essa Secretaria de Cultura. Fiquei bastante impressionado e contente. Neste país tão pobre de boas publicações culturais, não só pela aparência estética da diagramação e impressão, mas principalmente pela alta qualidade dos textos nele inseridos. *Nicolau* nos orgulha a todos. Tagore Biram. Goiânia — GO.

Lendo, olhando com olhos acostumados às instantaneidades de nossa cultura contemporânea, distraíndo-me com as boas

matérias sobre arte, cultura e as reportagens, veio a vontade de lhes comunicar a alegria, o prazer, enfim essa gana que temos de que, nesse Brasil tão rico de expressões por todos os lados, tivéssemos aí pelos nordestes, nordestes, estes e oeste, publicações como esse *Nicolau* de vocês. Sugiro uma tradução da poeta Elisabeth Bishop, moradora americana do Brasil dos 50 aos 70, bem como reportagem sobre o Brasil-nuclear-radioativo-ainda-militar... Clóvis Bri-gadão. Rio de Janeiro — RJ.

Acho superinteressante o *Nicolau* que, além de apresentar sérios artigos, tem um ótimo time de ilustradores. O Paraná precisava mesmo de algo do gênero para compensar as abobrinhas que andam sendo publicadas Brasil afora. Espero que o nível de publicação continue assim. Como sugestão, acho que deveria haver uma publicação de poesia dos leitores. É preciso revelar os poetas anônimos. Wanda Jentsch. Curitiba — PR.

A equipe de *Nicolau* continua esparando cultura por esse Paraná afora e, porque não dizer, pelo Brasil, como podemos constatar na página de cartas do último número. São leitores de Minas Gerais, Piauí, Porto Alegre, Rio de Janeiro etc., etc., todos de olho no *Nicolau*. Sentimos orgulho de contarmos com uma publicação assim em nosso Paraná. Parabéns. Vilmar Ferreira Bueno. Jardim Alegre — PR.

Nicolau é ótimo, ótimo, ótimo, ótimo! Aninha Franco (Espaço Bleff). Salvador — BA.

Vivendo tão distante, entre as montanhas da Zona da Mata mineira, dificilmente teria oportunidade de conhecer *Nicolau*. Felizmente tenho uma irmã "curitibana", o que me permitiu conhecê-lo e admirá-lo. Parabéns a toda a equipe. O jornal está muito bom e com ele mato um pouco as saudades do Paraná. Maria Cândida Sere-no. Cataguases — MG.

Meus cumprimentos ao prof. René Dotti e ao escritor Wilson Bueno, pelo belo trabalho que vêm fazendo à frente de *Nicolau*. Os números que tenho estado bem diagramados, ricos e vários, como convém a esse tipo de publicação. O próprio nome — *Nicolau* — já endereça às emoções. E as colaborações assinadas por jornalistas e escritores dos quatro cantos do país evidenciam, de forma transparente, tanto as diferenças como as semelhanças. Por isso apenas — e o *Nicolau* é muito mais que isso! — a leitura de suas páginas é, já, véspera de descobrimento. Maria José Queiroz. Rio de Janeiro — RJ.

A Secretaria da Cultura do Paraná realmente está de parabéns pelo lançamento tão oportuno de *Nicolau*, bem como toda a equipe que se responsabiliza pela elaboração de órgão tão valioso e útil, em especial para quem, como eu, lida com o magistério. *Nicolau* só enriquece quem o lê. Edvino Seguro. Ponta Grossa — PR.

Li com prazer o *Nicolau* que vocês editam com tanto bom gosto. Mas que tremendo poeta este Jamil Sene! Quero, por intermédio desse jornal, mandar a esse poeta meu abraço — com devoção. Abraços e parabéns ao Governo do Paraná e muito especialmente a vocês que o engrandecem. Manoel de Barros. Campo Grande — MS.

Tomei conhecimento do *Nicolau* através do meu amigo e escritor Ricardo Uhry. E aproveite para enviar meus parabéns a toda a equipe. Roger Luiz Maciel. Foz do Iguaçu — PR.

Nicolau está vivo, instigante, bom de ler. Desejo dar a minha colaboração ao esforço de vocês. Ferreira Gullar. Rio de Janeiro — RJ.

Nicolau — admirável publicação tão de ideal e verdadeiro sentimento do brasileiro melhor! Grande e fraterno abraço a toda a redação. Stella Leonards (Secretaria-Geral da União Brasileira de Escritores). Rio de Janeiro — RJ.

Em nome da equipe "Defesa", cumprimentamos os responsáveis pela edição de *Nicolau*, excelente jornal cultural na forma e no conteúdo. O Paraná já contribui com cerca de 30% de grãos para alimentar a fome do Brasil. Já existem também as condições para a produção artística e literária com o mesmo nível de qualidade. Esperamos que *Nicolau* seja a expressão dessa tendência. Fidélio Franco Bueno (Associação de Defesa Ambiental e Cultural de Castro). Castro — PR.

Quando recebi este pequeno grande jornal, a minha reação foi a de que leria um jornal qualquer, mas me enganei. Li profundamente e gostei. Agora sou um grande leitor de *Nicolau*. Aposto em vocês. Luiz Stel. Pêrola — PR.

O Deputado que o presente subscreve, no uso de suas atribuições regimentais, requer, após ouvido o Douto Plenário, envio de mensagem congratulatória ao Secretário de Estado da Cultura, René Ariel Dotti, e ao editor, escritor e jornalista Wilson Bueno, pela edição de *Nicolau*, n.º 5 isento de matéria que venha em desabono aos princípios da maioria dos paranaenses, constituindo-se, dessa forma, num autêntico espaço cultural. Ezequias Losso. Curitiba — PR.

Venho registrar meus cumprimentos pela alta qualidade e significativa tiragem do jornal *Nicolau*, editado pela Secretaria de Estado da Cultura e decorrente da marcante e criativa gestão do prof. René Ariel Dotti à frente dessa Pasta. Informo, outrossim, que na qualidade de assessor do governo do Estado tenho recebido inúmeros e expressivos elogios de vários setores, aos quais me associo, a esse periódico que se tornou, em pouco tempo, marca registrada do elevado nível intelectual paranaense e um inegável e riquíssimo espaço cultural e democrático, a ultrapassar as fronteiras do Estado. Wagner Rocha D'Angelis. Curitiba — PR.



As cartas dirigidas ao *Nicolau* poderão, por clareza e espaço, ser editadas resumidamente. Escreva, opine, sugira.
Rua Emanoel Pereira, 240
CEP: 80.410 Curitiba — Paraná.

BORGES
JR.



púnica **ave**

Sou um homem de meia-idade, mas este não é o único risco que corro.

Há uma aranha na varanda: na rede: no alpendre. Uma aranha pardo-peluda, aveludada, que me vigia e me controla.

Marca meus dias na parede, prende na teia minhas horas. Incendeia minhas noites no fogo de mal tecidas auroras. Me devora.

Sádica e satisfeita — sabe que não mato aranhas —, me desafia. Desfia sua teia, se esconde — meio-dia, onde? — na areia: gorda barriga de aranha a boiar sobre pernas matreiras.

Julga-se do tamanho de minhas botas. Piso, bato, insisto junto dela — nada: não se intimida. Sem piscar, mira sua pupila de aranha na minha braguilha — em palpos de aranha me enfia, pérfida e nefanda.

Há um ano convivo com suas artes — cada vez mais peluda.

Por que não? — insisto — uma tecelã de verdade, troncha eslava corada tecelã de tecidos?

Não: vem de outros teares. Vem com outros fiaves, confiada e melíflua.

Só eu e a aranha na tarde que se incinera, pergunto ao pânico:

aranha? essa teia? que é dos meus amores, meus frescores, essa canela meio de pássaro que me impelia à loucura?

Ninguém responde. Só há a aranha. Acho que me saí, acho que me perdi.

Só há eu na areia. Minha barriga cabeluda, minhas pernas matreiras — trôpega presa às aves predadoras.

Latejante coração de aranha:

ao pássaro que me transpassa,
acendo minhas pupilas.

Jamil Snege